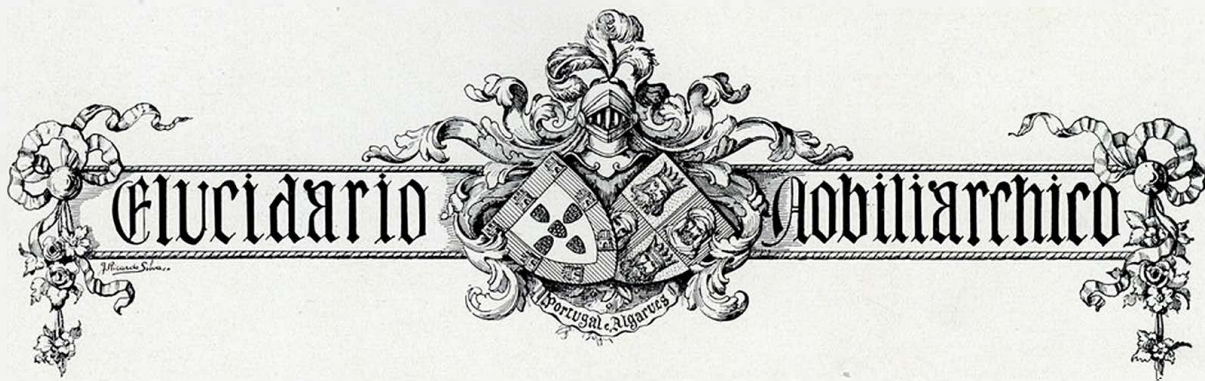




REVISTA DE HISTORIA E DE ARTE

Louvada por Portaria do Ministerio da Instrucção Publica de 15 de Fevereiro de 1929
Premiada com Medalha d'Ouro na II Exposição de Cintra em 29 de Agosto de 1929
Medalha d'Ouro na Exposição Ibero-Americana de Sevilha—1928

Editor-Director AFFONSO DE DORNELLAS

Composto e impresso no

PALACIO DA ROCHA DO CONDE D'OBIDOS — LISBOA

CENTRO TIP. COLONIAL — L. d'Abegoeira, 27 — LISBOA

II VOLUME — JULHO 1929 — NUMERO VII

FERNÃO DE MAGALHÃES

A OPORTUNIDADE DA PUBLICAÇÃO DE ESTUDOS SOBRE FERNÃO DE MAGALHÃES EM 1930

DOIS motivos de grande importancia me levaram a publicar no corrente mez de Abril de 1930 estes elementos já esboçados de longa data, para a historia monumental do grande navegador portuguez que foi Fernão de Magalhães.

O primeiro motivo foi o levar á parte Cultural da Exposição Internacional Colonial e Maritima que se vai inaugurar em Antuerpia, alguns elementos demonstrativos de que em Portugal se estuda com a minucia possivel, a acção das descobertas e conquistas e até a vida detalhada dos seus homens de fama mundial, que, como Fernão de Magalhães, nascendo em Portugal, trabalhou pela sua patria mostrando que sabia, indo depois trabalhar ao serviço da Espanha, esse grande pais de todos os tempos, que tambem, como Portugal, tanto concorreu para a civilisação mundial.

Se inumeras outras razões não existissem para que Espanha e Portugal estivessem ligados na historia gloriosa das descobertas e conquistas e ainda na historia brilhante da civilisação, bastava Fernão de Magalhães para nos unir para sempre dentro do mesmo conceito de cultura.

Para se dár a volta ao Mundo, para se produzir esse grande fenomeno que espantou o Seculo XVI, repercutindo-se o som desse espanto para todo o sempre, foi Portugal que deu o homem, se seja, a ideia e foi a Espanha que deu a acção, o esforço, resolvendo o problema.

Portugal e Espanha dando um abraço, abraçaram o mundo.

Foi pois necessario que estas duas nações se unissem e se encarnassem n'um só ser, Fernão de Magalhães, para desde o primeiro quartel do Seculo XVI, ficar conhecida a possibilidade de se circundar o mundo, lutando contra todos os principios e contra extraordinarios obstaculos.

O que até então se considerava impossivel que se conseguisse, ainda hoje nos parecer incrivel como de facto se conseguiu com recursos são rudimentares.

Bem, mas vamos ao caso da oportunidade de se publicarem agora elementos de estudo sobre taes factos.

Como disse, o primeiro motivo, foi o levar algum trabalho novo, formado de componentes velhos, mas analisados e colecionados por formas diversas, á parte cultural da Exposição Colonial e Maritima de Antuerpia.

O segundo motivo, tambem de capital importancia, foi com estes elementos que aqui vou deixar, saudar o Chile, importantissimo pais, que tendo sido descoberto

por Fernão de Magalhães, manifesta uma qualidade muito apreciável no meio de tantas outras que tornam tal País digno de Admiração do mundo culto.

Essa qualidade excepcional na época em que vamos atravessando, é a gratidão. O Chile não se cansa de festejar e de adorar a memória do homem que o deu a conhecer. O Chile em vez de ter feito tudo quanto há para bem perpetuar o nome de Fernão de Magalhães dentro das fronteiras do seu admirável território, ainda vem à terra onde nasceu esse grande heroe, para levantar uma estatua na capital da ditosa patria que tal filho teve. Bem hajam os esforços do Chile que tão patrioticamente dá lições de gratidão.

Teve tal ideia o Ex.^{mo} Sr. D. Humberto Vilela Jara, Encarregado de Negocios do Chile em Lisboa, transmitindo-a ao Governo de seu País e imediatamente o assumpto foi favoravelmente resolvido.

Primeiro, teve o Ex.^{mo} Sr. Vilela Jara a ideia de que em Lisboa devia existir um largo, praça ou rua que tivesse o nome da sua patria, o Chile.

Depois, como de facto em 4 de Novembro de 1928 fosse pomposamente inaugurado o nome de Praça do Chile ao largo em que termina a Avenida Almirante Reis teve a ideia de que no meio dessa praça se levantasse uma estatua a Fernão de Magalhães.

Agora, aprovadas estas ideias, tão bellas em todo o sentido da palavra, vae solemnemente lançar-se a primeira pedra para esse monumento.

Aqui estão pois os motivos desta pequena publicação, que em resumo são:

- O lançamento, em Antuerpia, de mais uma pedra no grande monumento da historia Colonial e Maritima Portuguesa.
- O lançamento em Lisboa, de mais uma pedra no grande monumento da historia da primeira volta ao mundo.



O QUARTO CENTENARIO DA VOLTA AO MUNDO POR FERNÃO DE MAGALHÃES

Quando em 27 de Novembro de 1920 se completaram quatro seculos que o portuguez Fernão de Magalhães, ao serviço de Castella, atravessou do Oceano Atlantico para o Oceano Pacifico, passando pelo estreito

da America do Sul que ficou conhecido pelo seu apelido e que Fernão de Magalhães chamou «Estreito de todos os santos», publiquei no «Diario de Noticias» um artigo referente ao assumpto.

Infelizmente constituiu esse meu artigo, a unica manifestação da Imprensa Portuguesa nesse dia.

Vejamos alguns periodos do mesmo:

«O grande circumnavegador do globo, foi fidalgo da corte de D. João II. fez serviço á Rainha D. Leonor e foi da Casa Real de D. Manuel I. Foi em 1505 com D. Francisco d'Almeida para a India. Depois de vir a Portugal em fins de 1507, parz ali voltou em 1508, fazendo parte da viagem de Malaca com Diogo Lopes de Sequeira e passando depois a Ternate com Francisco Serrão. Esteve em Africa, sendo ferido n'um combate em Azamor, voltando a Portugal em 1512. Dedicado aos estudos da cosmographia e com os conhecimentos adquiridos na India, phantasiou a possibilidade da volta ao mundo, pedindo a D. Manuel que o auxiliasse n'esta empreza. Não foram attendidas as suas supplicas pelo que se decidiu, em 1518 a sahir de Portugal com o seu companheiro de estudo e sabio astrologo Ruy Falleiro, indo a Castella solicitar o auxilio necessario para realizar o seu ideal, dar a volta ao mundo.»

«Carlos V mandou dar os recursos necessarios para a construcção de cinco caravellas que seguiram para a aventura phantasiada por Fernão de Magalhães a quem immediatamente investiu na cavalaria de S. Thiago. O seu companheiro Ruy Falleiro abandonou a empreza, mas Fernão de Magalhães não desanimou e assistindo e dirigindo a construcção das caravellas — Trindade — Santo Antonio — Concepcion — Victoria — e — Santiago, partiu de Sevilha em 10 de Agosto de 1519 para o seu tão desejado destino.»

«Para se vêr bem a que ponto chegou o ciúme do povo castelhano pelo facto de Fernão de Magalhães ser portuguez, vou referir-me a um caso interessante que extraiu de entre as dezenas de copias de documentos authenticos e ineditos, sobre a primeira volta ao mundo, que tenho em meu poder e que me estão servindo para um trabalho que estou organisando sobre Fernão de Magalhães. Em 22 de Outubro de 1518, quando Fernão de Magalhães lançou á agua uma das caravellas, preparou tudo para na occasião da maré, pelas trez horas da madrugada, realizar o seu desejo. Não estavam promptas as quatro bandeiras necessarias para arvorar nos cabrestantes da praxe, pelo que ordenou que nos mesmos sitios fossem arvoradas bandeiras com o seu brazão. Grandes protestos do povo que presenciava a cerimonia, julgando que aquelas bandeiras eram do Rei de Portugal, acabando por as arrancarem e rasgarem a conselho do Alcaide do Mar. Uma perfeita revolução; todos queriam a morte immediata de Fernão de Magalhães, tentando o Doutor Sancho de Matienzo abrandar os animos, fazendo um caloroso discurso defendendo-o, o que lhe ia valendo ser morto, pois que innumeras espadas desembainhadas o fizeram calar á força. Fernão de Magalhães foi fortemente tosado, ficando bastante ferido numa das mãos, acabando por ser preso pelo tenente do almirante. Queixou-se Fernão de Magalhães ao Rei de Castella que immediatamente mandou castigar os culpados dos tumultos, dando-lhe todas as satisfações, expedindo de Saragoça, em 11 de Novembro desse ano de 1518, reaes cedulas sobre o assumpto e as providencias a tomar; escrevendo a Fernão de Magalhães pedindo-lhe desculpa; a Sancho Martinez de Leiva, assistente de Sevilha, para proceder a um inquerito; a Sancho de Matienzo, thesoureiro da Contratacion, agradecendo-lhe o aviso sobre o mesmo acontecimento; e, finalmente, ao cabido de Sevilha, lamentando o sucedido.»

«Fernão de Magalhães, esse portuguez illustre, ainda hoje tem o reconhecimento da humanidade. A sua persistencia, a ideia permanente, a energia, a valentia, essa força de vontade colossal para no meio de tantas complicações conseguir o seu fim, são enormes demonstrações da raça portugueza d'outros tempos. Bom seria que quaisquer d'estas qualidades chegassem até nós, até aos nossos tempos.»

Na «Ilustração Portuguesa» de 17 de Setembro do mesmo anno, publiquei a paginas 190, uma pequena referencia á comemoração que a Hollanda preparou enviando um quadro a oleo para a Sociedade Geographia de Madrid e um vitral para a Sociedade de Geographia de Lisboa. Estes dois presentes eram acompanhados de mensagens iluminadas com o retrato do navegador.

O vitral tem ao centro o retrato de Magalhães e em volta sete representações da sua vida e que são: Fernão de Magalhães lendo aos Reis o projecto da passagem do estreito — A partida da Espanha — Um temporal de que a armada soffreu — Fernão de Magalhães convertendo ao christianismo um dos Reis das Ilhas Philipinas — A morte do navegador pelos natuaes da Ilha de Mactan — O regresso de Sebastião del Cano a Castella — e os cinco navios de que se compunha a armada.

Em 22 de Maio de 1921, com a presença do encarregado de negocios do Chile, sr. D. Diego de Castro, efectuou a Associação dos Archeologos uma sessão publica, onde o Ilustre Official de Marinha sr. Quirino da Fonseca fez uma interessante conferencia denominada «A Archeologia Naval no tempo de Fernão de Magalhães» e onde eu fiz uma conferencia dividida em duas partes: «Fernão de Magalhães na Terra, no Mar e no Ceu, sua morte e gloria», e «A Comemoração do 4.º Centenario da Circumnavegação do globo por Fernão de Magalhães, 1520-1920». Com elementos colhidos no Archivo das Indias em Sevilha, com documentos dos nossos archivos e com obras referentes ao assumpto, eu organizei essa conferencia que publiquei no VIII volume da «Historia e Genealogia».

Sabem-se as grandes dificuldades que Fernão de Magalhães teve em cada dia que passou quando na sua viagem.

Pela rapida referencia feita acima, sobre o que succedeu por julgarem que tinha arvorado a bandeira portuguesa quando deitou os barcos ao mar, pode-se calcular o que foi durante o caminho.

Quantas intrigas e quantas razões o levariam a mandar matar uns e a abandonar outros na costa.

A nau Santo Antonio, logo que dentro do estreito teve um momento para voltar para traz, regressou a Sevilha depois de varias insubordinações a bordo.

Encontrei no Archivo de Sevilha, referente a este caso, o seguinte documento:

«(N.º 23 de «La 1.ª V. al M.) Carta del L.º Matienzo y Juan Lopez de Recalde a S. M., avisandole la llegada a Sevilla de la nao San Antonio, y lo que dicen sus tripulantes sobre el motivo de la vuelta. Archivo General de Indias. Sevilla 1. 2. $\frac{1}{1}$ num.º 14. «Cesarea Catholica Real Magestad»

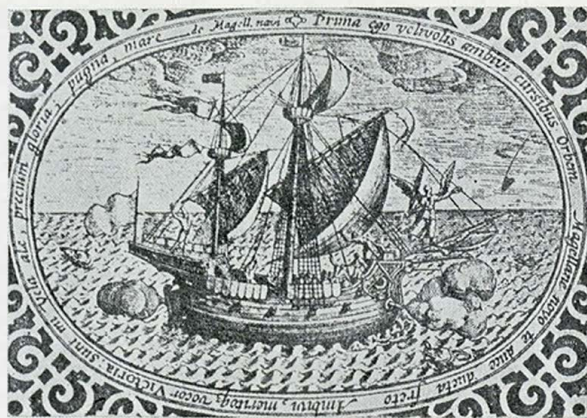
«En diez y seis del presente escrivimos al obispo de Burgos para que hiziese relacion a vuestra magestad de como en ocho del presente aportó al muelle de esta cibdad una nao nombrada Sant Antonyo la mayor de las cinco naos que fueron al descubrimiento de la especerya con Fernando de Magallanes y en la qual vino por capitán gironymo guerra que fué por escrivano de una de las dichas naos y por piloto estevan gomez portugués que de antes que se empecase la dicha armada estava en esta casa por piloto de vuestra magestad y con ellos vinieron en la dicha nao otras cinquenta e tres personas entre sobre salyentes e maryneros los quales truxieron preso a alvaro de la mesquita primo carnal del dicho Magallanes que hera capitán de la dicha nao puesto por el dicho Magallanes en lugar de Juan de Cartagena los quales todos juntamente y cada uno por si nos ynformaron y dixerón que su venyda e vuelta al puerto desta cibdad avya seydo por que el dicho Magallanes avya desterrado en una tyerra mal aventurada syn gentes que es a los quarenta

y nueve grados al dicho Juan de Cartagena con un capellan y avya echo matar a puñaladas a luy de mendoza tesorero de la dicha armada y despues de muerto le hizo quartizar dandole por traydor a manera de justycia y a gaspar de quesada capitán de una de las dichas cinco naos le avyan echo degollar e quartizar apregonandolo por traidor ./ y a andres de san martyn y hernando de morales pilotos les hizo dar tratos de cuerda hasta hazelles perder los myembros ./ todo sobre que diz que les requeryan con las provisyones de vuestra magestad para que siguyesen la orden y regimiyento que por vuestra magestad les fue mandado dar para que llevasen la

vya de Maluco en descubrimiento de la dicha especerya a que lyn se hordenó e hizo la dicha armada por quanto no llevaban camyno para alla salvo yban y seguian la costa del brasil adelante por tyerra iria ynutil y sin ningun provecho gastando los vastimentos y perdiendo el tyempo por que avia ya quatorze meses y seis dias que parteyeron desde sanlucar en seguimiyento de su viage quando esta nao partyo de la conserva del dicho magallanes el qual los ynvió a descubrir un golfo y les mandó que volyesen al quarto dia adonde el quedava y volvyeron al tercer dya y no le hallaron de donde acordaron de se bolver a España.»

«luego el mismo dia ocho del presente proveymos de tomar plenaria ynformacion con acuerdo y en presencia del licenciado castro verde letrado desta casa ante dos escrivanos de todos quanto en la dicha nao vinieron que fueron cinquenta e cinco personas syn alçar mano dello de cada uno particularmente la qual dicha ynformacion sacada en lympio ynviaamos a vuestra magestad con el levador de la presente para que vuestra magestad la mande ver con brevedad y mandar proveer en ello lo que mas fuere servido por que de la dilacion se signirya dapno.»

«al dicho alvaro de la meznita le mandamos poner preso en la carcel del almirante y al dicho gironymo guerra y estevan gomez piloto y a chinchila e angulo e pierre mandamos encarcelar dentro en esta casa de la contratacion en un palacio cerrado com pleyto omenaje e cabcion juratoria de no se enagenar della so cierta pena



Nau Victoria, unica da armada de Fernão de Magalhães que deu a volta completa ao mundo

./ donde estaran hasta que vuestra magestad nos ynvie a mandar lo que fuere servydo hagamos en ello ./ myll reclamamos de todos ellos tenemos cada ora diziendo no deven estar presos antes los devyamos dar lugar para que fuesen ante vuestra magestad a dar razon de lo subcedido en el dicho viaje

«A todos los sobre sallyentes y maryneros que en la dicha nao vinyeron les diximos que buscasen su vida sin perder mas tyempo de lo perdido por que hasta hazer saber a vuestra magestad la manera de su venyda y ver lo que nos ynvia a mandar sobre la paga de su sueldo no les podyamos pagar cosa alguna./ y ellos aunque quexosos con esperança que vuestra magestad les ymbiará mandar pagar el dicho su sueldo cada uno tomó el camino de buscar su vyda. Sbplicamos a vuestra magestad nos ymbie a mandar lo que fuere servydo hagamos en lo del dicho sueldo.»

«la dicha nao con los aparejos que della restaron tenemos encomendado a un buen marinero con dossgro-metes para que la goarden y mirem porella./ y las cosas de resgate que en ella vniéron hizimos descargar a la casa donde estan por cuenta como el dicho gironymo guerra como tesorero que en lugar del dicho luy de mendoça el dicho magallanes elogiò lo trae todo por cuenta.»

«en los açores a falta de mantenimyentos que trayan tomaron seys mill e quinyentos e tantos maravedis de provisyones y despues de aqui llegados en obra de diez dias que estuvyeron en la dicha nao hasta dezir sus dichos gastaron tambien casi otros tantos y a los dichos cinco presos que en la dicha casa estan damos cada dya cient maravedis a razon de veinte maravedis a cada uno por dia y mas a los escrivanos ante quien la dicha ynformacion pasó pagamos su salario lo qual se sacará de alguna cosa de los dichos rescates./ y por que por la dicha ynformacion vuestra magestad será mas largo avisado de todo lo en el dicho viaje subcedido remityendonos a ella no nos alargamos en mas de le suplicar que con la mayor brevedad que posible fuere nos ymbien a mandar lo que mas fuere servydo proveamos en ello.»

«la muger del dicho fernando de magallanes tiene en esta casa por orden de vuestra magestad cinquenta myll marevedis que son los que al dicho magallanes se daban por capitan./ y tambien se daban por mandado de vuestra magestad a pedro de abreo portugueses veinte y cinco mill maravediz por piloto en cada un año./ y a mesquita portugues quinze mill maravedis en cada un año myentras que el dicho magallanes volviese./ los quales segun el viaje ha sub-

cedido tenemos duda sy les debemos de pagar o no. Suplicamos a vuestra magestad nos ymbie a mandar lo que en ello devamos hazer por que estas personas son las que manaron por mano del dicho magallanes./ a los quales asy porque estan pagados hasta fya del año pasado como por que al presente ni tenemos con que le pagar el tercio primero deste año no les pagaremos hasta que sobre ello vuestra magestad nos ymbie a mandar lo que debamos hazer en ello.»

«a Ruy falero e su hermano francisco falero que vinyeron de su prision de portugal por pascoa florida pasada avemos pagado hasta en fin de abril deste año sus quytaciones por que venyeron gastados de portugal y tambien porque estos quedaron aca por mandado de vuestra magestad.»

«prosper e acrecyente dios nuestro señor la vyda e muy Real estado de vuestra magestad por largos tyempos como desea de Sevylla a de mayo de myll e quinyentos e veinte e un años.» «D. V. R. M. muy humilde servydor que sus pies y reales manos besan = el doctor matienzo = juan lopez de Recalde.



Estatua de Fernão de Magalhães em Punta Arenas no Chile no momento da sua inauguração em 1920, razão porque está coberta com a bandeira Portuguesa.

Por esta admiravel amostra se pode apreciar o que foi a viagem d'esse grande navegador, no meio de perigos de toda a especie, até que foi morto exatadamente na altura em que é já conhecido o caminho para a Europa.

Interessantissimos documentos existem no riquissimos

arquivo de Sevilla, detalhando absolutamente todos os preparativos da viagem.

Por exemplo, para se apreciar essa bela coleção de documentos vou transcrever o seguinte:

Num. 85.—Relacion detallada de gastos hechos para la armada de Magallanes en ella consta lo que costaron las banderas y quien las hizo. — Año 1518-1519. — Arch. de Ind. 32-3-7-26. — «En XV del dicho mes de noviembre del dicho año (1518) se pagaron a Diego Fernandez pintor por ocho banderas que el pinto la una de la Consolacion de nuestra Señora y la otra con las armas reales y las seis de las ynsinias de Santiago. la de nuestra señora y de las armas reales a seys reales y las otras seys a prescio de dos reales e medio cada una que montan veynete y siete reales.»

Como se tem escrito que não havia qualquer documento que provasse que de facto Fernão de Magalhães fazia parte da ordem de Santiago, sendo um dos motivos não se encontrarem ou não existirem as habilitações desse tempo, vou transcrever mais um documento onde não só o Rei lhe chama Comendador como ainda lhe promete privilegios de Cavalaria.

Vejamos o seu contheudo.

Num. 98. — Real cedula ofreciendo conceder a los pilotos y maestres de las naos de Magallanes privilegios de Caballeria. — Barcelona, 5 de Mayo de 1519. — Arch. de Ind. 41.6.2.25. — «El Rey.» «Por quanto el Comendador fernando de Magallanes nuestro capitán en nombre e por parte de vos los pilotos e maestres que vays en la armada que van por nuestros capitanes el dicho fernando de

«Magallanes e Ruy faleiro al descubrimiento de la especeria me ha «suplicado fuese servido que para quando plaziese a nuestro señor «bolbays de servir el dicho viaje vos mandare dar previlegios de «caballerias de gratificaros vuestros servicios e yo acatando con la «buena voluntad que vays a nos servir par la, presente vos prometo «e aseguro por mi fe e palabra que syrviendo vosotros bien el dicho «viaje que asy e mandaros dar mis cartas de previlegios de cabelle-

«ria como en otras co-
«sas que vos tocaren
«en que podays rescir-
«bir merced vos dare
«las mercedes que
«vuestros servicios
«merescieren e para
«que esteys cierto de
«ello espero que com
«mas voluntad e obra
«entendays en nos
«servir vos mande
«dar la presente fir-
«mada de mi nombre
«fecha en Barcelona
«a cinco dias del mes
«de mayo del año de
«mill e quinientos e
«diez e nueve años.
«yo el rey/. Francisco
«de los cobos, e en las
«espaldas estan qua-
«tro señales de ru-
«brica/»



Estatua de Fernão de Magalhães inaugurada em 14 de Dezembro de 1920 na cidade de Punta Arenas, junto do Estreito no Chile.

Muitos outros documentos de maior interesse poderia aqui incluir, sobre a primeira viagem de circumnavegação se não fosse meu intuito apenas o tentar despertar o apetite a algum investigador ou historiador português, de fazer uma obra como merece a vida e acção de Fernão de Magalhães.

Neste ultimo documento transcrito há referencia ao facto de Ruy Faleiro

acompanhar Fernão de Magalhães na viagem á India, facto que, como muito bem é sabido, não se chegou a efectuar por Ruy Faleiro ter endoidecido.



ICONOGRAFIA DE FERNÃO DE MAGALHÃES

E' vastissima a iconographia do grande navegador Fernão de Magalhães, sendo já também numerosa a quantidade de gravuras e desenhos litografados que tenho coleccionado, portanto julgando que posso apresentar dos melhores exemplares, ou pelo menos d'aquelles que serviram de base para todas as variantes existentes, venho aqui incluir as respectivas reproduções d'uma parte e fazer referencia a outra parte.

J. T. Medina, na sua obra sobre Fernão de Magalhães intitulada «El descubrimiento del Océano Pacifico» impresso em Santhiago do Chile em 1920, reproduz apenas quatro retratos do navegador, mas faz referencias a varios outros e diz-nos como foi encontrado o que muitos julgam ser o principal.

A melhor gravura reproduzindo esse retrato é da autoria de Fernando Salema, mandada fazer por D. José de Vargas Ponce para ilustrar a sua obra «Relación del último viaje al Estrecho de Magallanes de la fragata de S. M.» «Santa Maria de la Cabeza», impresso em Madrid em 1788. Este auctor conta como obteve esse retrato para a sua referida obra.

J. T. Medina copia e eu transcrevo. Vejamos:

El retrato de Magallanes se debe a una dichosa casualidad. Estando en Toledo el que ha trabajado este *Viage* (D. José de Vargas Ponce), viendo la colección de pinturas y otras preciosidades que adornan la casa del canónigo de aquella Primada, don Felipe Vallejo, le mostró este retrato, que está en una tabla de 25 pulgadas de largo sobre 20 de ancho: su campo, obscuro, y en su parte superior este letrado, que se ha enmendando en el retrato abierto: *Ern. Magalanus superatis antarte fletiangustis clarissim.* El señor Vallejo usó de la generosidad de permitir se traxese a Madrid para grábarlo, si se estimaba digno, y el Ministerio de Marina, por consagrar esta debida recompensa a la memoria de aquel intrépido navegante, ya que por su gloriosa muerte no pudo disfrutar de las que le acreedor, mandó se colocase al frente de este *Viage*. Deseando averiguar su identidad, pues el benemérito poseedor, prendado de la pintura, la hubo casualmente en una almoneda en la Corte. y con la noticia del considerable número de los que adornan la galeria del Duque de Florencia, cuya lista trae el Vasari, se registró este autor, y se encontró efectivamente entre el de otros grandes hombres de su siglo (?) y que ya allí existia en 1568. En toda su dilatada obra no hace mención expresa de él, y sólo en la Vida de Broncino, hablando de su discípulo Christofano dei Altissimo, refiere que el Duque le envió a Como a que retratase para su galeria del Museo de Giovo aquel hombre raro, que tantos habia juntado

de los héroes y hombres notables en todas líneas, y que en efecto lo hizo con un gran número. Se puede conjeturar sin violencia, que con los demás adquirió entonces el de Magallanes. (?) Para ver la semejanza de este retrato con el de Toledo, se obtuvo, por medio de don Alexandro Belmonte, que se halla en Italia, una copia de lápiz, que cotejada con el de aquí, no sólo es exactamente el cuadro del mismo tamaño, sino idéntico el mismo retrato, con la propia acción, fisionomía, vestido y gorro. Los de Italia conjeturan que por lo mucho que aquella copia se parece a la manera del Ticiano, sea de algún original de aquel célebre pintor. Se sabe el gusto que éste tuvo en retrato, y la multitud que hizo, aún de personas que no conoció, y acaso este original era el que paraba en el Museo de Monseñor Giovo. El de Toledo, examinado atentamente por el pintor de Cámara don Mariano Maella, es de dictamen que no hay duda sea de la escuela de Angelo Broncino, y que también tiene algunos visos en el modo de pintado y colorido a los cosas de Ridolfo Strat, nombrado el Estradano; pero no se atreve a decir positivamente de quién es, pues estos autores florentinos son difíciles de conocer, porque no hay por aquí mucho de ellos. Sea lo que fuere de esta diversidad de dictámenes, harto comim en cosas de esta naturaleza, no se puede dudar por la semejanza de estos dos retratos, y por su antigüedad, que sean de Magallanes. . . »



Remate do projecto do monumento a Magalhães, da autoria do escultor A. Coll y Pi. Reprodução da gravura apresentada por J. T. Medina na sua obra «El descubrimiento del Océano Pacifico etc. Santiago do Chile. 1920.

Termina aqui a copia do que disse D. José de Vargas Ponce e segue a apreciação de J. T. Medina nos seguintes termos :

— En verdad, la averiguación de quien fuese el pintor autor de ese retrato resulta del todo secundaria respecto de la de si realmente están en él representados los rasgos de la figura Magallanes. De la indumentaria con que se le ha vestido nada que lo contradiga podría alegarse; pero no así de su autenticidad. De lo estampado por Vargas Ponce se deduce que la tabla de Toledo era copia de la que figuraba en el colección del Duque de Florencia, quein, a su vez, la habia hecho sacar de la que poseía en su Museo Paulo Jovio. En cuanto a la fecha en que hubiese sido pintado, queda como muy probable que fuese

la del año 1568. ¿ Bastan estas circunstancias para poder afirmar que ese retrato era efectivamente el del navegante português ? Por cierto que seria para nosotros muy satisfactorio pronunciarnos por la afirmativa. Es alternativa dolorosa, muy propia de los gajes del oficio, tener que destruir hechos, leyendas aunque más no sean, que contribuyan a recordarnos a los hombres a quienes por cualquier concepto les sea la posteridad deudora de un beneficio; pero... *amicus Plato, sed magis amica veritas*, como reza el adagio. Es de preguntarse, pues, cómo pudo ser retratado Magallanes, y en Italia, y después de medio siglo de haber salido de España! Nose nos alcanzan. Por otra parte, quien haya pasado los ojos por los retratos que figuran como del Museo de Jovio en la obra destinada a describirlos, impresa que fué en Basilea, en 1575, se halará con no pocos, — entre ellos el del propio Colón — que se ve ser obra de pura fantasia. ; Para qué decir nada de otros, como el de Atila, por ejemplo ! Bien sabemos, además, que la fama de Magallanes procede la realización de su empresa, y que antes de acometerla, no pasaba de ser un militar y marino a la vez, de poca o ninguna significación. Se explica que los retratos de Francisco Pizarro y de Fernando Cortés que han llegado hasta nosotros, sean en verdad los

(1) Vassari. Tavole del Ritratti del Muséo del Duca de Ficenza, ed. de 1772 tomo VII, p. 467.

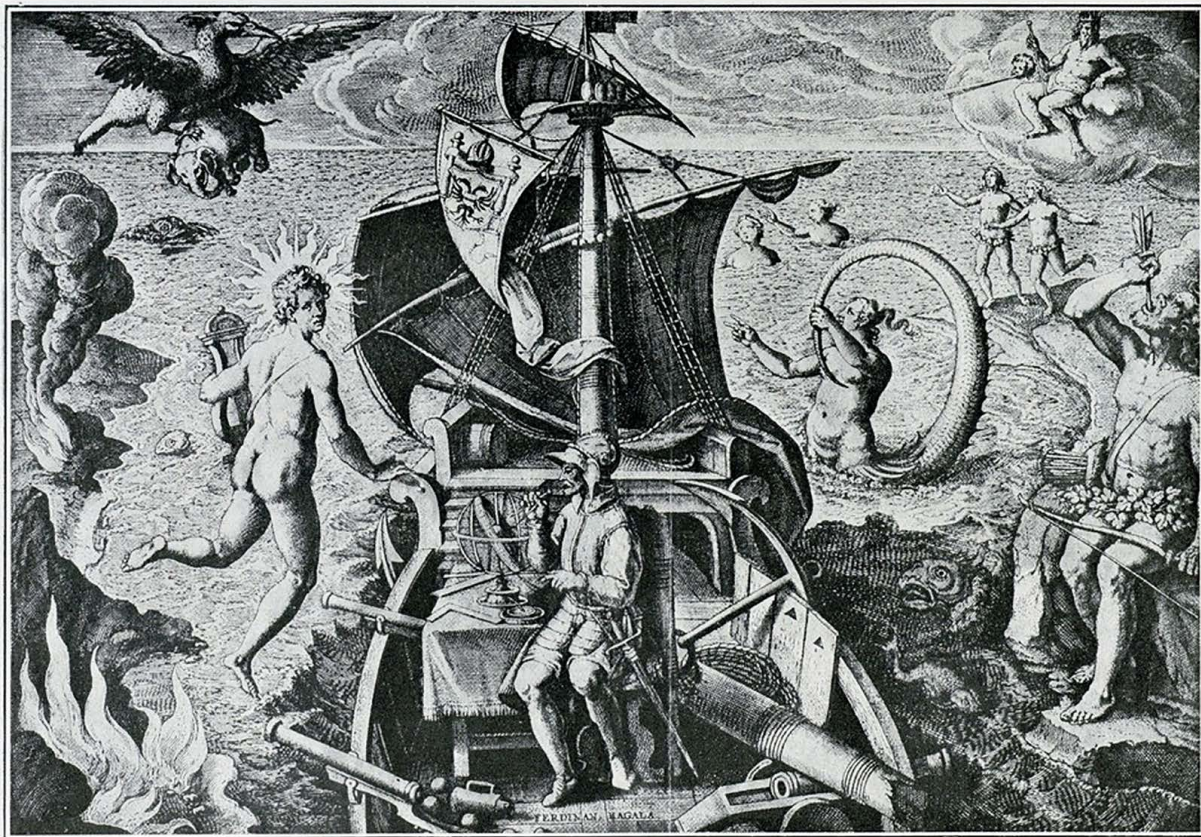
(2) Tomo VI, página 150.

suyos, porque volvieron a España después de realizadas en todo o en parte sus hazañas, y también cuando ya se habían enriquecido lo que no ocurre con Magallanes. Véase ahora el que de nuestro navegante figura en uno de los frontis grabados de los *Hechos de los Castellanos*, de Antonio de Herrera, libro que fué impreso en la parte que nos interesa, en 1661. ¿Tuvo presente el artista para su trabajo el cuadro procedente de la galeria de Jovio? Así lo parece, si bien no resultaría tampoco inverosímil que el retrato que conservaba en Toledo el canónigo Vallejo, hubiese sido tomado de ese grabado de la obra de Herrera, caso de que hay ejemplo, aquí en Chile, cuando sabemos que el de Pedro de Valdivia que la reina doña Isabel II obsequió a la Municipalidad de Santiago, y que fué trabajado por Madrazo, se hizo por esse modelo. Dada la fecha, que se

sua origem em dois retratos que não tem muitas parecenças entre si.

O mais antigo é desenhado por Stradanus em 1521 na alegoria dos descobrimentos de Magalhães. Vê-se o navegador marcando n'um globo, a entrada do pacífico. O retrato do navegador está de perfil.

O outro é baseado n'um que foi mandado fazer pelo Duque de Florença ao pintor Christofano del Altissimo, da escola d'Angelo Broncino que foi para esse efeito a Como, naturalmente para pintar sobre outro que lá existiria e não directamente de Fernão de Magalhães



Alegoria dos descobrimentos de Fernão de Magalhães — Desenho de Stradanus, 1521 — Reprodução da gravura incluída na obra «La época de los descubrimientos» pelo professor Sigmund Günther. Barcelona — Buenos-Ayres. Editorial Labor, S. A. 1926.

cree probable por lo menos, para el de la colección del Duque de Florença, no sería admisible respecto de éste, esta segunda hipótesis. En todo o caso, conste que el de Herrera es el más antiguo de cuantos han salido en obras españolas.

Posiblemente de él, aunque siempre con la variante de ir sin gorro, proceden los que se grabaron en países extranjeros y que obedecen en sus líneas generales el tipo que va puesto aquí, o al que por su excelente ejecución y a su gran tamaño damos frente a la portada de la presente obra, que hemos tomado de la de Amoldus Montanus, impresa en Amsterdam, en 1671.

Toda a iconografia de Fernão de Magalhães, tem a

que não consta que alguma vez estivesse em Como, quanto mais na altura em que Christofano del Atissimo pintava. Magalhães já tinha morrido à muito tempo.

O que se sabe, pelo que acima transcrevo, é que existem parecenças entre o retrato da Galeria do Duque de Florença e o que apareceu em Toledo.

A primeira reprodução do retrato da Galeria do Duque de Florença, foi publicada junto à década III da «Historia general de los hechos de los Castellanos en las Islas y tierra firme del mar oceano escrita por Antonio de Herrera», Madrid, 1601.

A mais linda gravura reproduzindo este mesmo retrato, foi aberta em cobre por Fernando Selma em 1788 para incluir na obra de D. José de Vargas Ponce «*Relacion del ultimo viaje al Estrecho de Magallanes de la fragata de S. M. Santa Maria de la Cabeza en los años de 1785 y 1786*», Madrid, 1788.

Depois houve gravuras emitendo esta e variadas reproduções litográficas.

Devido ao favor do illustre conservador do Museu de Arte Antiga de Lisboa, Sr. Luis Keil, posso apresentar uma reprodução d'um retrato de Fernão de Magalhães, desconhecido entre nós e até desconhecido de J. T. Medina, que julgo estar inedito até agora, e que aquele meu amigo foi encontrar no Kunsthistorisches Museum de Viana d'Austria, com a indicação de que foi da Colleção do Arquiduque Fernando do Tirol, e que existiu no seu Castello de Ambrás.

A pintura é em cobre e segundo a auctorizada opinião de Luis Keil, é do século XVI.

Conforme se vê pelas reproduções que incluo neste estudo, a fantasia teve larga representação.

Primeiro que me vá referir ás varias obras de que conheço a existencia, que incluem figuras representando Magalhães, vou citar a primeira obra impressa que tratou da primeira volta ao mundo. Essa obra de que há conhecidas, como autenticas, tres edições, chama-se:

— Maximiliani Transylvani Cæaris a secretis Epistola, de admirabili & nouissima Hispanoru in Orientem navigatione, qua uariorum & nulli prius accessere Regionis inueta nunt... Rumor in ædibus F. Minuti Calvi Anno M.D.XXIII mense Novembri.—

J. T. Medina no seu livro já tantas vezes citado diz

que segundo os bibliógrafos, é esta a primeira edição, apesar do historiador Harrisser de opinião que a primeira edição é aquela que os mesmos bibliógrafos classificam de segunda.

Desta reproduzo a interessante portada e vou transcrever o seu titulo:



Reprodução da gravura primeiramente apresentada por Door Arnoldus Montanus, na sua obra *De Nieuwe en Onbekend Weereld etc.* Amsterdam 1671

— De Moluccis insulis, itemq; alijs pluribus mirandis, quæ nonissima Castellorum navigatio Sereniss. Imperatoris Caroli. V. auspicijs suscepta, nuper inuenit Maximiliani Transylvani ad Reuerendiss. Cardinalem Satzburgensem epistola lecta perquam incunda. (no verso da ultima folha, tem:) Datum Vallisoleti die XXIII Octobris M.D.XXII— Colonice in ædibus Eucharit Ceruicorni. Anno uirginæ partus. M.D.XXIII. Mense Januario.

Agora vou transcrever os titulos das obras que tratando das façanhas de Fernão de Magalhães, incluem o seu retrato, tendo-me servido de principal elemento o trabalho bibliografico de J. T. Medina.

— Historia general de los hechos de los Castellanos en las Islas y tierra firme del Mar Oceano por Antonio de Herrera, Madrid, 1601 fol.

Retrato de Fernão de Magalhães gravado em cobre no inicio da decada III.

— Kurtze, Warhaftige Relation und beschreibung der Wunderbarsten vier Schiffarten, so jemals verricht worden. Als nemlich Ferdinandi Magellani Portugalesers, mit Sebastiao de Cano Francisci Draconis Engländer, Thomae Can-

dish Engländer. Oliuarij von Noort, Niderländer. Norimbergae, 1603, 4.º menor.

Na portada tem gravada a nau Victoria e os retratos dos quatro navegantes.

— Novi freti, a parte meridionali, Freti Magellanici, in Magnum Mare Australe detectio; Facta laboriosissimo & periculosissimo itinere á Guilielmo Cornelij Schoutenio Hornaro. Annis, 1615, 1616, &

1617 totium Orbem terrarum circumnavigante. Amsterodami. Apud Guiljelmum Zanfonium. 1619.

Retrato de Magalhães no frontespicio.

— Grandes Voyages — De Bry. Edições alemã e latina de 1590-1623.

Contem dois retratos de Fernão de Magalhães, um de

corpo inteiro na extremidade de um mapa da America que acompanha a narração de Benzoni na parte VI e o que traz Antonio de Herrera na parte XII.

— Sechter Theil Kurtze Warhafftige Relation und Beschreibung der Wunderbarthen der Schiffahrten so jemals verricht worden. Als nemlich: Ferdinand Magellani Portugalesers mit Sebastiano de Cano, Francisca Draconis Engelländers. Thoma e Candisch. Engelländers. Olivarii von Noort, Niederländers. So alle vier umb den gantz en Erdtreitz gesegelt aufz unterschiednen Anthoribus und Sparchen zusammen getragen und mit nöthigen Lande Charten feinen Figur und nützlichen Erklärungen gezeichnet und verfertigt Durch Levinum Hulsium. Getrucht zu Franckfurt bey Hartmanno Palthenio in Verlegung der Hülffichen Im Jahr 1626.

Na portada tem uma vinheta gravada em cobre com a nau Victoria e o retrato de Magalhães entre outros.

— Histore des plus illustres et sçavans hommes de leurs siècles, tant de l'Europe, que de l'Asie, Afrique et Amérique, avec leurs portraits en taille-douce, tirés sur les véritables originaux. Par E. André Thévet. Paris, 1670, 8 vols. en 12.º.

No tomo VII tem o retrato de Magalhães.

— De Nieu en Onbekend Weereld: of beschryving van America en l'Zuid-Land, vervaetende d'Oosprong der Americaenen en Zuilanders... Door Arnoldus Montanus. T'Amsterdam. Jacob Meurs 1661, fol.

Retrato de Fernão de Magalhães.

— Le nouveau Monde inconnu, par Dapper. Amsterdam. 1673.

Retrato de Fernão de Magalhães.

— America, being the late and most accurate description of the New World. por John Ogilby, London, 1676 folio.

Retrato de Fernão de Magalhães.

— Naaukeurige versameling der gedenkwaardigste Zee en Land Reyzen na Cost en West-Indiën, zedert het Jaar 1519 tot 1521. T. Leyden, 1707, 8.º

Gravura em cobre representando a morte de Fernão de Magalhães.

— Relacion del ultimo viaje al Estrecho de Magallanes de la fragata de S. M. Santa Maria de la Cabeza en los años de 1785 y 1786. Madrid, 1788, 4.º por D. José de Vargas Ponce.

Retrato de Fernão de Magalhães gravado em cobre por Fernando Selma.

— Investigaciones historicas sobre los principales descubrimientos de los españoles en el Mar Océano en el siglo XV y Principios del XVI. Por D. Cristóbal Cladera. Madrid, 1794, 4.º

Retrato de Fernão de Magalhães gravado em cobre por Mariano Brandi e desenhado por Antonio Carnicero.

Gravura em cobre representando a morte de Fernão de Magalhães.

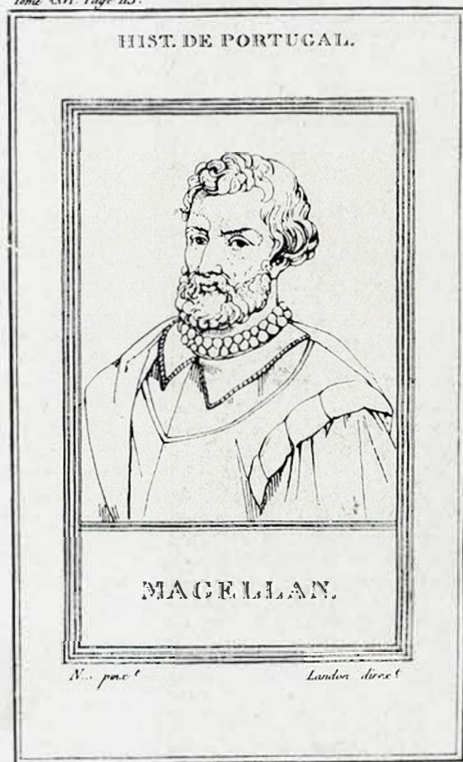


Imitação da gravura naturalmente mandada fazer por Door Arnoldus Montanus para a sua obra •De Nieuwe en Onbekende Weereld etc. Amsterdam 1671. Foi também publicada por J. T. Medina na sua obra El descubrimiento del Océano Pacifico etc. Santiago de Chile. 1920.

— Collection abrégée des voyages anciens et modernes autour du monde; Avec des extraits des autres Voyageurs les plus célèbres et les plus récents; contenant des détails exacts sur les mœurs, les usages et les productions les plus remarquables des différents peuples de la terre, enrichie de cartes, figures et des portraits des principaux Navigateurs. Rédigée par Fe. Bancarel. L. Paris. 1808, 8.º

Gravura em cobre representando a morte de Fernão de Magalhães.

Tome. XIV. Page 113.



Reprodução d'uma gravura da Coleção do Sr. Conde de Almarjão.

— Collección de Viajes de Navarrete. Madrid, 1837 Tomo IV. Retrato de Magalhães. Reprodução do gravado por Selma.

— Allgemeine geographische Ephemeriden. Novembro 1804. Retrato de Fernão de Magalhães.

— Magellan oder die erste Reise um die Erde. Nach den vorhandenen Quellen dargestellt von August Bärck. Mit Magellan's Bildnis. Leipzig, 1844, 8.º

Retrato de Magalhães gravado em aço por A. H. Payne.

— Historia de la Marina Real Española, desde el descubrimiento de las Américas hasta el combate de Trafalgar. Por Don Jose March y Labores, Madrid. 1856, fol., 2 tomos.

Retrato de Magalhães em litografia desenhado por Augusto de Belvedere.

— Los viajeros modernos ó relaciones de los viajes mas interesantes é instructivos que se hicieron en los siglos XV y XVI con biografías, notas é indicaciones iconográficas por M. Eduardo Char-ton. Traducida al castellano y arreglada en la parte relativa a Cristóbal Colon y Hernan Cortés bajo la dirección de don Mariano Urrabieta. Paris, 1860, fol. A edição francesa dos «Voyagers anciens et modernes», foi publicada em Paris em 1855, em folio.

Retrato de Fernão de Magalhães gravado em madeira.

— Archivo Pittoresco. Lisboa. vol. VI, 1863. Artigo de J. M. Latino Coelho.

Retrato de Fernão de Magalhães.

— Heroes of discovery Magellan, Cook, Parck, Franklin, Livingstone, By Samuel Mossman author of «Our Australian Colonies», «China: its inhabitants and their institutions, etc., etc. Edinburgh Edmonston and Douglas. 1868.

Retrato de Fernão de Magalhães

— The first voyage round the World by Magellan. Translated from the accounts of Pigafetta. and other contemporary writers. Accompanied by Original Documents, with Notes and an Introduction, by Lord Stanley of Alderley. London 1874, 8.º

Retrato de Fernão de Magalhães. Reprodução do de Selma.

— Catalogue of books da Bibliotheca de Carter Brown, por John Russell Bartlett. Providence. 1875.

Retrato de Fernão de Magalhães. Reprodução da gravura de Fernando Selma.

—Heroes of discovery; Livingstone, Franklin, Cook, Magellan, By Samuel Mossman, author, of «Our Australian Colonies» China and their institutions. New Japan: the land of the rising sun, etc. etc. New Edition, with Portraits. Edimburg: William Oliphant & Co. 1877.

Retrato de Magalhães igual ao que vem na primeira edição atrás citada.



Retrato de Fernão de Magalhães publicado na revista

— Chile-Órgão nacional de Expansion Economica etc. Enero de 1930. É parecido com o que está pintado no vitral que a Sociedade de Geografia da Hollanda ofereceu á sua congénere de Lisboa.

— A century of discovery. Biographical sketches of the Portuguese and Spanish navigators from Prince Henry to Pizarro. Translated from the german of Theodore Vogel London, 1877, 4.º

Gravura em madeira representando a morte de Fernão de Magalhães.

— Notable voyages from Columbus to Parry by William H. G. Kingston London, 1880, 4.º menor.

Retrato de Magalhães gravado em madeira.

— Les grandes découvertes maritimes du treizième ou seizième siècle par Edouard Cat, Professeur agrégé d'histoire, Maître de conférences de géographie à l'Ecole supérieure des Lettres d'Alger. Paris, 1883, 8.º

Retrato de Magalhães gravado em madeira.

— Historia Jeneral de Chile por Diego Barros Arana. Santiago 1884, 8.º

Retrato e assignatura de Fernão de Magalhães em madeira.

— Nouvel abrégé de tous les voyages autour du monde depuis Magellan jusqu'à D'Urville et Laplace (1518-1832) Seizième édition. Tours, 1884, 12.º

Gravura em madeira representando a morte de Fernão de Magalhães.

— Narrative and critical history of America edited by Justin Winsor. Boston and New York. 1888, 4.º mayor.

Contem tres retratos de Fernão de Magalhães gravados em madeira. Reproduções dos de Hulsius, De Bry e Ogilby.

— Le tour du monde il y a quatre siècles Vasco de Gama et Magellan por Henri Vast, professeur au Lycée Fontanes. Paris, 1889, 8.º

Retrato de Fernão de Magalhães gravado em madeira por J. Guillaume.

— The life of Ferdinand Magellan and the first circumnavigation of the globe. 1480-1521. By F. H. Guillemard, M. A. M. D., Cantab. late lecturer in Geography at the University of Cambridge. London, 1890, 8.º

Retrato de Fernão de Magalhães em madeira, com referencia de que é copiado d'um que existe em Versailles.

— The Story of Magellan or the first voyage round the world by

George A. Towle. T. Nelson and Sons. London. Edinburgh, and New York. 1891.

Retrato de Fernão de Magalhães.

— Fuentes historicas sobre Colon y America. Pedro Martin Angleria. Libros rarissimos que sacó del ouvido traduciéndolos y dándolos a luz en 1892 el Dr. D. Joaquin Torres Asensio. Madrid, 1892, 8.º.

Retrato de Fernão de Magalhães gravado em Madeira apenas com parte do gravado por Fernando Selma.

— Magallane por Gonzalo Reparaz — Includo no tomo III de «El Centenario», Madrid, 1892, fol.

Retrato de Fernão de Magalhães gravado por Selma, mas de dimensões mais pequenas do que o original. Naturalmente é uma das imitações.

— The story of Magellan, por Hezekiah Butterworth. New-York 1899.

Retrato de Fernão de Magalhães gravado em Madeira que se diz ser reprodução de uma pintura de Velasquez mas com ligeiras variações é copia do que include Guille-mard.

— Great Explorers-Marco Polo, Ferdinand Magellan, Mungo Park. Sir John Franklin, David Livingstone, Christopher Columbus, etc., etc., Thomas Nelson and Sons London, Edinburgh, and New York, 1902.

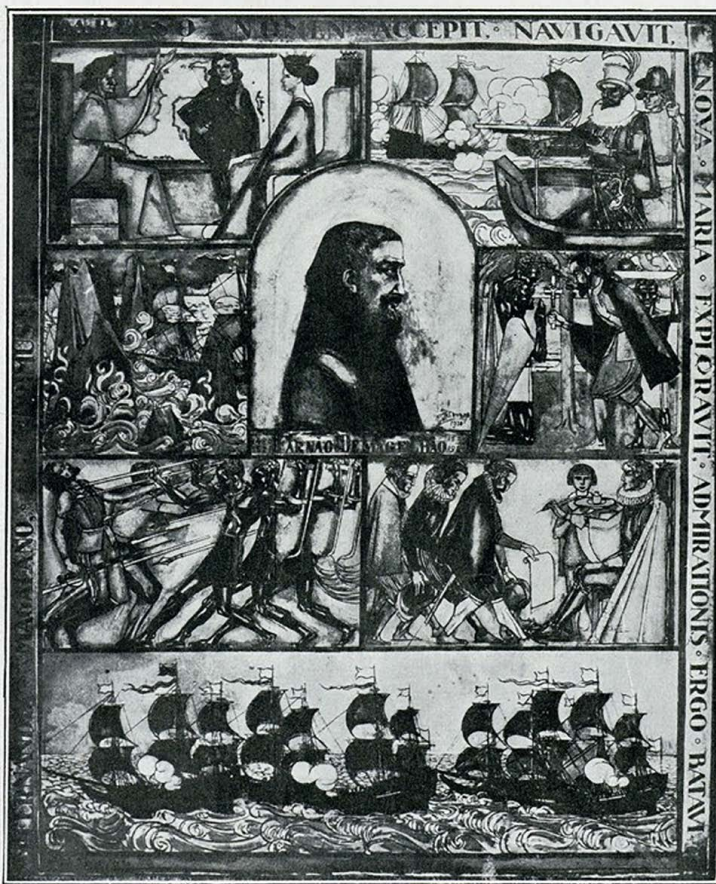
Retrato de Fernão de Magalhães. E' reprodução do que vem no livro de Towle.

— La primera Vuelta al Mundo. Relación documentada del viaje de Hernando de Magallanes y Juan Sebastián del Cano. 1519-1522. Por Vicente Llorens Asensio. Sevilla. 1903, 8.º.

Retrato de Fernão de Magalhães. Fragmento de gravado por Selma.

— The Story of Columbus and Magellan by Thomas Bonaventure Lawler. Ginn & Company, Boston. New York, Chicago, London (sem data) 1904.

Retrato de Fernão de Magalhães.



Reprodução do vitral da autoria do holandez Jean Toorop, oferecido pela Sociedade de Geografia da Hollanda á Sociedade de Geografia de Lisboa.



Reprodução da pintura em cobre existente no Kunsthistorisches Museum de Viena d'Austria e que fez parte da coleção do Castello de Ambrás, propriedade do Arquiduque Fernando do Tirol. — Fotografia obtida pelo Sr. Luiz Kell.

— Magellan's Vhyage Around the World by Antonio Pigafetta. The original text of the Ambrosian M. S. With English translation, notes bibliography, and index by James Alexander Robertson. With portrait, and facsimiles of the original mapes and plates. Cleveland, 1906.

Retrato de Fernão de Magalhães. Reprodução em madeira do que esteve no Museu Bibliotheca do Ultramar em Madrid e que hoje está na Bibliotheca Nacional da mesma cidade.

— Die erste umseghung der Erde durch Fernando de Magallanes und Juan Sebastian del Cano 1519 1522 dargestellt nach den quellen von Oscar Koelliker. Mit 32 Tafeln und Karte, München und Leipzig, 1908, 4.º.

Retrato de Fernão de Magalhães. Reprodução do que esteve no Museu Bibliotheca do Ultramar em Madrid e que hoje está na Bibliotheca Nacional da mesma cidade.

— La Araucana de Eschila. Edição do centenario. Santiago do Chile. 1910. Tomo I.

Retrato de Fernão de Magalhães. Reprodução em fotogravura do gravado por Fernando Selma.

— The Story of Magellan Edited by M. T. Yates. London, sem data. 1912. 8.º.

Retrato de Magalhães. Gravuras em madeira fantasiando Magalhães em varias circunstancias da sua vida.

— La primera vuelta al mundo. Por J. Muñoz San Román. Publicado no numero 295 de «La Esfera», de Madrid em 1919.

Retrato de Fernão de Magalhães.

— El descubrimiento del Océano Pacifico — Vasco Nuñez de Balboa, Fernando de Magallanes sus compañeros por J. T. Medina-Fernando de Magallanes — Memoria presentada a la universidad de Chile, de acuerdo con lo dispuesto en el artículo 22 de la ley de 9 de enero de 1879 sobre instrucción secundaria y superior — Santiago de Chile — Imprenta Universitaria — 1920.

Retrato de Fernão de Magalhães conjuntamente com o mapa da America do Sul. E' o que apresentou Antonio de Herrera em 1601 na sua «Historia general de los hechos de los Castellanos».

Retrato igual ao que apresentou Arnoldus Montanus em 1671.

Retrato reproduzindo o gravado por Fernando Selma. Reprodução do Monumento a Magalhães do escultor D. A. Coll y Pi.

— A volta ao mundo por Fernão de Magalhães — 1520-1920 — Artigo publicado no «Jornal «Diario de Noticias» em Lisboa em 27 de Novembro de 1920. Incluido no VIII volume da «Historia e Genealogia». Lisboa 1922. Por Affonso de Dornellas.

Retrato igual ao que apresentou Arnoldus Montanus em 1671.

— A Comemoração do 4.º Centenario da Circumnavegação do Globo por Fernão de Magalhães — 1520-1920. Comunicação apresentada na Associação dos Archeologos Portugueses em Lisboa em 22 de maio de 1921. Incluido no VIII volume da «Historia e Genealogia» e no livro «Em prol de Fernão de Magalhães». por Affonso de Dornellas. Lisboa 1922.

Reprodução da estatua de Fernão de Magalhães em Ponta Arenas.

— Como na Hollanda se comemorou o Centenario de Fernão de Magalhães. Artigo publicado na «Illustração Portuguesa» de 17 de setembro de 1921. Incluido no VIII volume da «Historia e Genealogia» por Affonso de Dornellas. Lisboa 1922.

Reprodução de Vitral da autoria de Jean Toorop oferecido pela Sociedade de Geografia Holandesa á Sociedade de Geografia de Lisboa. Inclue o retrato de Fernão de Magalhães.

Retrato de Magalhães desenhado na mensagem que acompanhou o vitral citado acima.

— La época de los descubrimientos, por el prof. Siegmund Günther e la Universidad de Munich. com 20 figuras, 10 Laminas y 2 mapas en color. Traducido de la 4.ª edición alemana por el Prof. L. Marlin Echeverria, del Instituto de Segovia. Barcelona — Buenos Aires. Editorial Labor. S. A. 1926.

Retrato de Fernão de Magalhães igual ao da obra de Dapper, Le nouveau monde inconnu, Amsterdam, 1673.

Alegoria dos descobrimentos de Magalhães, desenho de Stradanus, 1521.

— Chile. Organo Nacional de Expansión Economica con el Boletin Consular del Ministerio de Relaciones Exteriores — Informaciones de fuente oficial. Año IV. Enero de 1930 — Volumen 5.º — Num. 59.

Retrato de Fernão de Magalhães, desenhado de perfil dando muito a ideia do que é originario de mesmo que serviu para o vitral que se encontra na Sociedade de Geografia de Lisboa oferecido pela Sociedade de Geografia dos Países Baixos.

Com referencia aos retratos que apresento começarei pelo do Stradanus que é de 1521 e depois pelos que julgo que são derivados deste e que são os incluídos nos livros acima citados, publicados em 1671, 1673 e depois em varias outras obras.

A seguir vae o do Museu de Viana d'Austria de que me obtive reprodução o Sr. Luiz Keil e a seguir todos os outros que devem derivar deste. Publicando tudo isto apenas como elementos de estudo, espero que alguem com mais tempo e carinho parecido, procure organizar um dia uma iconografia completa de tão celebre portuguez.

Estes estudos iconograficos nunca deveriam ir além dos retratos feitos durante a vida do proprio. Quando porém não haja retrato da sua epoca, só devem ser aproveitados os que são feitos immediatamente á sua morte.



Fragmento do frontespicio da Decada III da «Historia general de los hechos de los Castellanos», de Antonio de Herrera. Madrid. 1601.





Reprodução directa do retrato de Fernão de Magalhães existente no Archivo General de Indias em Sevilha. Pintura de J. Chaves. É igual ao que se encontra na Bibliotheca Nacional de Madrid. — Medo 0,83 X 0,62

AS ARMAS DE FERNÃO DE MAGALHÃES

Apesar de já se terem passado varios seculos, não me consta que haja qualquer estudo sobre as armas de Fernão de Magalhães, havendo porem bastantes referencias baseadas no primeiro disparate que appareceu.

Vale a pena juntar algumas dessas referencias para ver como é de todos os tempos copiam-se uns aos outros, sem gastarem uns minutos a apreciarem o que copiam.

Julgo que a primeira obra sobre Fernão de Magalhães que reproduz um brazão, constitue o volume LII da Coleção «Hakluyte Society» e intitula-se «The first voyage round the World by Magellan» pelo Lord Stanley of Alderley, publicado em Londres em 1874.

Estou mesmo a ver como o caso se passou. Lord Stanley of Alderley quiz illustrar a sua obra e pediu para a Legação da Inglaterra em Lisboa, ou enfim a

qualquer pessoa para na Torre do Tombo fazerem uma copia das armas de Fernão de Magalhães e ali, o desenhador ou aguarelista que procurou no indice do «Livro da Torre do Tombo» de Antonio Godinho a palavra Magalhães, viu que na folha 19 se encontrava um

escudo, estando no alto da pagina a palavra *Chêfe* e em baixo a palavra *Magalhães*. Tudo fielmente copiado foi para Londres onde tudo foi reproduzido a cores. Ora succede que o «Livro da Torre do Tombo», feito pelo escrivão Antonio Godinho, constituia uma base para os Reis d'armas ordenarem as armas de que os

encarregavam. Quando um brazão é simples, tal como inicialmente foi creado, tem sempre a palavra «*Chefe*», não sendo porem essa palavra transcrita nas cartas d'armas. Está indicada no referido livro simples e unicamente para esclarecimento dos Reis d'armas que eram as pessoas que os consultavam, visto que a ideia que presidiu á confecção do mesmo livro foi essa.

A palavra *Chefe*, n'este brazão, está escrita por partes para dar lugar ao timbre sendo a sua disposição CH-E-FE, o que já fez ver a varios sabios que queria dizer = Christo e Fé = como divisa de Fernão de Magalhães.

A fantasia chega para tudo.

A mais importante obra que conheço sobre Fernão de Magalhães intitula-se:

— El descu-

brimiento del Océano Pacifico — Vasco Nuñez de Balboa—Fernando de Magallanes y sus compañeros, por J. T. Medina — Fernando de Magallanes. Memoria presentada a la Universidad de Chile, de acuerdo con lo dispuesto en el artículo 22 de la ley de 9 de enero de



Gravura de Ferdinando Selma feita em 1788, por mandado de D. José de Vargas Ponce para a sua «Relación del ultimo viaje al Estrecho de Magallanes de la fragata de S. M. «Santa María de la Cabeza».

1879 sobre Instrucción secundaria y superior — Santiago de Chile — Imprenta Universitaria — MCMXX.

Por amabilíssima oferta do seu illustre auctor, posuo este esplendido volume de formato grande de XX+CCCCLXIV+220 paginas, mais dois grossos volumes de documentos e outros trabalhos de maior interesse para a historia de Portugal, referentes a navegadores Portugueses ao serviço de Castella.

Vejamos pois na obra do Historiador J. T. Medina o que há de curioso para as armas de Fernão de Magalhães, vendo-se pela nota a pagina VI que Medina tenta resolver o assumpto referente á palavra «Chefe», que aparece no alto das armas, palavra que tem estabelecido grande confusão em outras obras e Medina, no intuito de arrumar o caso, vem demonstrar que «Chefe» é exactamente a mesma coisa que «Chefre».

Este grave problema de «Chefe» e de «Chefre» tem sido motivo de uma aturada investigação feita pelos biógrafos estrangeiros de Fernão de Magalhães.

Vejamos a opinião de Medina:

— Algún genealogista nos ha conservado ese escudo de los Magallanes, que Lord Stanley of Alderley ha dado en colores en su libro y que nosotros reproducimos aquí, aunque sin ellos. Para acabar de entender la voz «Chefe» que ese escudo lleva a la cabeza, y que en los documentos encontramos escrita «Chefre», léase lo que declaraba Manuel de Magallanes de Meneses en la información rendida por Lorenzo de Magallanes para acreditar su entroncamiento con el descubridor del entrecho: «... dijo que era pariente dentro en el cuarto grado de los dichos Lorenzo de Magallanes e Payo Rodriguez de Magallanes, su padre, e así de Ruy Pais de Magallanes, su agüelo (avô), e de Hernando de Magallanes, e que así él como ellos arriba mombrados, sonde los «che-

fres» de la casa de los Magallanes. ... Y al final de esa su declaración repite «que las armas de los Magallanes, queste testigo no sabe si las trae e lleva por esas tieras, mas que empero él las puede cierto traer bien, por ser de la generación de los principales «cheires» de los Magallanes...».

Assim, considera Medina o caso arrumado, sobre os

outros escritores. Como é muito natural que todos os outros biógrafos que escrevam sobre Fernão de Magalhães, consultem a monumental obra de Medina, ficam sabendo que a palavra Chefe que aparece na pagina onde estão as armas de Magalhães do Livro da Torre do Tombo, é exactamente a mesma coisa que «Chefre», mas não ficam ainda sabendo que essa palavra nada tem com Fernão de Magalhães e ainda que não faz parte das armas como continuaram a julgar os auctores da medalha comemorativa do quarto centenario da passagem do Estreito por Magalhães, que lhe incluíram a mesma palavra junto ao brasão.

O governo do Chile mandou cunhar essa medalha em ouro, parecendo que só existem cinco exemplares assim distribuidos: Presidente da Republica do Chile; Presidente da Republica Portuguesa (Dr Antonio

José d'Almeida); Rei Afonso XIII de Hespanha; Dr. Alberto d'Oliveira, Embaixador de Portugal no Chile especialmente nomeado para assistir á referida Comemoração e Infante D. Fernando de Espanha, Embaixador da mesma nação especialmente para ali assistir na mesma cerimonia.

Por amavel deferencia do Sr. Dr. Antonio José d'Almeida, reproduzo aqui essa medalha em tamanho



Uma das imitações de Ferdinando Selma. — Reprodução d'uma gravura da Coleção do Sr. Conde de Almarjão

natural e reproduz tambem o tampo do estojo que é de veludo vermelho escuro com as armas do Chile em ouro.

Já que me refiro a esta medalha, cito tambem a existencia d'outra que tambem reproduz e que suspenso de fita azul foi creada para condecorar as pessoas que na ocasião do mesmo centenario, publicassem trabalhos referentes a Fernão de Magalhães ou á sua acção como navegador.

Em Portugal julgo que existem dois exemplares d'essa medalha sendo uma conferida ao Sr. Dr. Carlos Babo e outra ao auctor destes apontamentos, por terem publicado estudos que interessam á Historia de Chile.

Voltando ao caso das armas de Fernão de Magalhães, d'aquelas que lhe teem attribuido, ainda alguma coisa de interessante tenho a dizer, pois o Sr. J. T. Medina, não ultimou o assumpto, tendo porem citado elementos que lhe facilitavam o dizer quaes eram as armas que usava Fernão de Magalhães.

É extraordinario que sendo conhecido o testamento deste navegador, onde tão claramente indica as armas que usava, não tivessem já procurado representar essas armas e se limitassem a citar as da familia Magalhães que copiaram do «Livro da Torre do Tombo».

Vejamos no testamento a parte que interessa ao assumpto, testamento que existe no Archivo das Indias em Sevilha e que está datado de 24 de Agosto de 1519.

—E por quãto sus al.^{as} me tienen fha md. p.^a mis hijos e descendientes por via de mayoradgo de la governacion de las Yslas e tierras q. yo descubriere con la dha armada en el termino contenido en la capitulacion qon sus altezas tengo fha e asy mismo el titulo de adelantado de las dhas yslas e tierras q. descubriere e de otras cosas contenidas en la capitulacion por esta presente carta deste dho mi testamento quiero e nonbro por via de mayoradgo para q. aya todo lo suso dho despues de los dias de mi vida a Rodrigo de Magallanes mi fijo legitimo e hijo legitimo de la dha doña beatriz barbosa mi muger e despues del al. fijo legitimo que dios le diere e sino oviere fijo legitimo q. aya e herede del lo suso dho por via de mayoradgo quiero e m.do q. lo aya el otro hijo o hija legitimo q. dios a mi me diere e asi se aya sucesyualmente de padre a fijo e si por caso oviere hija el dho mayoradgo en tal caso quiero quel hijo que dios le diere e ovriere el dho mayoradgo que le llamen de Magallanes e trayga mis armas sin las mezclar con otras algunas e sino se

llamare de Magallanes e no troxere mis armas segun dho es en tal caso quiero e mando y es mi voluntad que aya el dho mayoradgo vn. hijo o nieto o pariente mas propinco de mi linaje que biba en Castilla e trayga mi apellido e armas segun dho es e si lo q. dios no quiera el dho R.^o de Magallanes mi fijo falleciera sin dexar hijos ni hijas de legitimo matrimonio e no ovriere otros fijos ni hijas p.^a aver el dho mayoradgo quiero e mando e es mi voluntad que aya todo lo suso dho por via de mayoradgo di.^o de sosa mi hr.^o q. agora bibe con el ser.^{mo} Rey de portugal viniendose a bivar a estos Reynos de Castilla e casandose en ellos e con tanto que se llame de Magallanes y traga las armas de Magallanes segun e de la manera que yo las traygo que son de Magallanes y sosa e sy

el dho di.^o de sosa mi hr.^o no tuulere hijos ni hijas de legitimo matrimonio p.^a aver el dho mayoradgo quiero e mando y es mi voluntad q. aya el oho mayoradgo ysabel de Magallanes mi hr.^a con tanto que se llame de Magallanes y trayga mis armas segun dho es y venga a bivar e casar en estos Reynos de Castillha. —



H: MAGALHAENS.

Reprodução d'uma gravura da Coleção do Sr. Conde de Almarjão.

Assinatura de Fernão de Magalhães

Eram pois de Magalhães e de Sousa as armas que usava o navegador Fernão de Magalhães, portanto temos que agora estudaremos esse caso.

Começaremos pelas armas de Magalhães.

—De prata, tres faxas enchequetadas de vermelho e prata de tres tiras. Timbre: Abutre da sua cor armado de ouro. Paguife de prata e vermelho.

A carta mais antiga que inclua Magalhães que conheço, é a concedida a Ayres de Magalhães pelo Rei D. João III em Lisboa em 21 de janeiro de 1530, registada a folhas 9 do Livro LII da chancelaria de D. João III.

Este Ayres de Magalhães não era o chefe da Familia, declarando porem a carta que as armas eram de seus antecessores, razão porque lhe foram dadas com uma merleta preta por diferença.

Eram evidentemente estas armas que entraram na composição do brazão que usou Fernão de Magalhães.

Braamcamp Freire na sua Armaria Portuguesa, a pagina 289, quando trata de Magalhães diz:

—«Nos Blasones de Portugal,» do P.^e Manuel da Purificação Magalhães, 1676, ms. a que ha muittas refe-

rencias nos *"Estrangeiros no Lima"*, de Manuel Gomes de Lima Bezerra, a fl. 206, declara-se que as armas do famoso navegador Fernão de Magalhães eram o escudo partido: o I de prata, tres faxas enchequetadas de vermelho e prata de tres tiras (Magalhães); o II de verde, cinco vieiras de prata, bordadura do mesmo semeada de cruces de negro (Pimentel). Timbre *"abutre blanco, armado de pardo y oro"*.

Concerteza que o P.^e Manuel da Purificação Magalhães, quando incluiu estas armas no seu Armorial, demais chamando-se também Magalhães, teve algum motivo. Ou resolveu o problema e atribuiu as armas de Pimentel a Fernão de Magalhães por este ser filho de Alda de Mesquita que por sua vez é filha de Martim Gonçalves Pimenta ou Pimentel, ou então porque encontrou já noutro Armorial, esta composição.

É mais uma atribuição sem fundamento visto que temos a verdade expressa no testamento.

Ainda houve outro brazão de Magalhães que não aparece em qualquer carta d'armas, mas de que ha referencia no Livro 17 do Cartorio da Nobresa, m-19, citando o Livro antigo, fl. 168, dizendo que são de Magalhães de Castella. como também lhe fazem referencia o «Livro do Armeiro Mór»; o «Livro da Torre do Tombo» de Antonio Godinho; o «Thesouro da Nobresa de Portugal» do reformador do Cartorio da Nobresa, Fr. Manuel de Santo Antonio e ainda nos «Blasones de Portugal» do P.^e Manuel da Purificação Magalhães.

Estes Magalhães de Castella, que talvez não passem do Maguais de Castella, não devem ser os descendentes de Lourenço de Magalhães, que se habilitou a herdeiro de Fernão de Magalhães e que viveu e casou em Jerez de la Frontera com Antona Benites de Ozorio, pois este nas declarações que fez, bem demonstrou que usava as armas de Magalhães, Senhores de Nobrega.

Como deveriam ser as armas de Sousa que Fernão de Magalhães usou?

O testamento de Fernão de Magalhães é de 24 de agosto de 1519, portanto não havendo a certeza de que Sousas descendia o navegador, há uma certa dificuldade em saber quais seriam de facto essas armas, visto que nesta epoca havia varias.

Havia as armas de Sousa, simples e puras que eram assim constituídas:

— *De vermelho, quaderna de crescentes de praia.*

Braamca m p Freire, grande autoridade no assumpto, na sua «Armoria Portuguesa», diz sobre estas armas:

— «Theatro historico genealogico» de Sousa Moreira, pag. 179; «Historia genealogica» de D. Antonio Caetano de Sousa, XII, 233; João Carlos Feo, «Memorias dos Duques Portugueses», pag.

131.—Estes autores e mais alguns ainda apresentam outras armas antigas para os «Sousas», mas só as descritas no texto têm fundamento na sepultura do Claustro Velho de Alcobaça.

Esta sepultura é de D. Gonçalo Mendes de Sousa, o Bom, 9.^o Senhor da Casa do Sousa.

Havia as armas dos Sousas Arronches originarios duma aliança entre Sousas e a Casa Real.



Reprodução d'uma litografia da Coleção do Sr. Conde de Almarjão

As armas usadas por estes Sousas são :

— *Esquarteladas : I e IV com as armas de Portugal antigo; II e III de vermelho, com uma quaderna de crescentes de prata. Timbre Castello de Ouro, lavrado de negro.*

— Estas armas estão no « Livro do Armeiro Mor » e no « Livro da Torre do Tombo »; em fim, nos registos antigos e officiaes da Armaria.

A carta mais antiga que ha conhecida, foi passada em 18 de Junho de 1527 a João Soares de Sousa e vem transcripta a pag. 201 do Volume IV e pag. 471 e 472 do Volume X do « Archivo dos Açores ». João Soares de Sousa era filho de João Soares Velho e de sua mulher, D. Branca de Sousa filha de João de Sousa Falcão. As armas são esquarteladas dos Velhos e dos Sousas acima citados. A diferença era uma flor de liz d'ouro. Timbre o dos velhos.

Havia ainda as armas usadas pelos Sousas descendentes d'outra aliança com a Casa Real, ou Sousas Chichorros, e que são :

— *Esquarteladas : o I e IV de Portugal antigo; II e III de prata com um leão de purpura. Timbre o leão coroado de uma grinalda de prata, florida de verde.*

Estas armas estão no « Tesouro da Nobreza de Por-

tugal » e em muitos outro : que copiaram este. A carta mais antiga que há conhecida, foi a passada em 27 de Julho de 1581 e vem transcrita nos *Brazões Ineditos* do Dr. José de Sousa Machado sob n.º 450. Foi concedida a Pedro de Sousa filho de Jorge Furtado de Mendonça e de sua mulher D. Mecia Henriques que éra filha de D. Pedro de Sousa e de sua mulher D. Violante Henriques. As armas eram esquarteladas de Mendonça. Sou-

sa, Henriques e Noronha. Diferença uma estrela de prata.

Além destes Sousas ainda há os de Cordova, que usaram as seguintes armas :

— *Franchado de vermelho e prata, no vermelho castello de ouro, na prata as cinco quas de Portugal.*

Não conheço qualquer carta concedendo estas armas.

Temos portanto variados Sousas, sendo muito natural que se Fernão de Magalhães descendesse dos Sousas de Arrouches ou dos Sousas Chichorros, o indicasse no seu testamento e mesmo seria o caso concertado fallado

quando uma porção de membros da familia Magalhães disse do seu parentesco com o navegador e fallou dos seus ascendentes para responder ao inquerito despertado por Lourenço de Magalhães, que se apresentou em Espanha para ser considerado como herdeiro do navegador.

Parece-me portanto, que apenas a quaderna dos Sousas antigos figurasse nas armas em questão. Desta



FERNÃO DE MAGALLANES

Uma das inúmeras gravuras que reproduzem o retrato de Fernão de Magalhães

forma, seriam as mesmas armas partidas de Magalhães e Sousa antigo.

Sou desta opinião porque em 1519 em que Fernão de Magalhães fez o testamento, era considerado concerteza da maior importância o ser descendente dos Sousas ligados com a Casa Real. O dizer simplesmente que as suas armas se compunham de Magalhães e de Sousa, não especificando qual a especie de Sousa, é porque descendia dos ramos que não estavam ligados à Casa Real.

Se houver quem um dia tente organizar a ascendencia do navegador, pode ser que então este assumpto fique definitivamente esclarecido.

Há um caso porem que faz meditar. E' que na ocasião de Fernão de Magalhães ter lançado ao mar um dos navios para a sua viagem, como não tivesse ainda outras bandeiras que arvorar, serviu-se de bandeiras com as suas armas o que ia dando uma revolução,

sendo alcunhado de traidor dizendo-se que aquellas armas eram as do Rei de Portugal. Seria por não sabermos de que armas se tratava, ou seria por ali figurarem as Quinas Portuguezas?

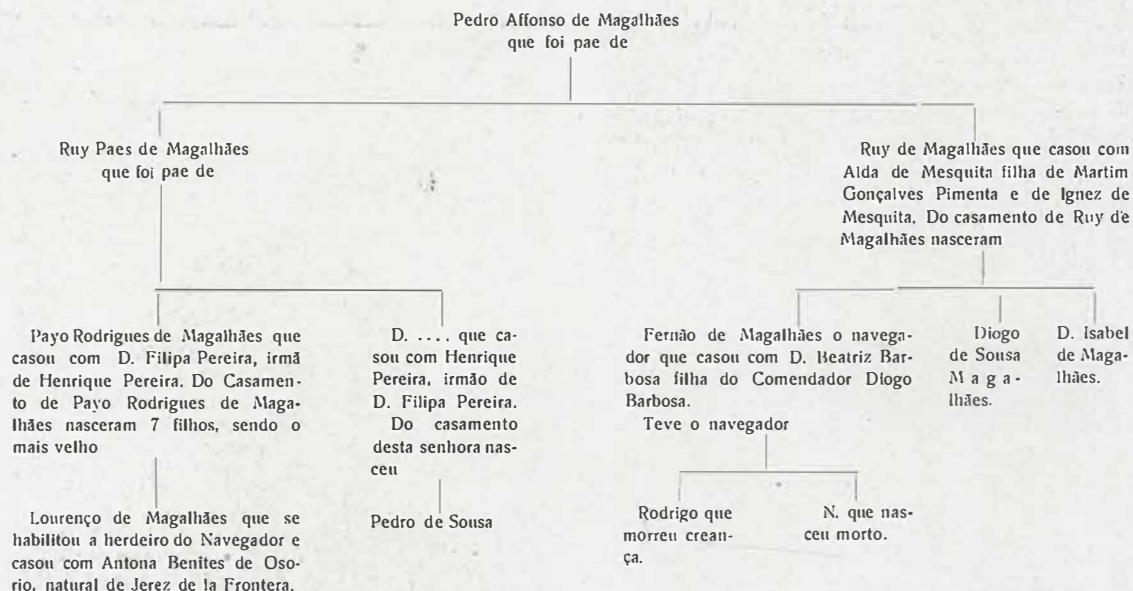
Não sei. Por este motivo incluo aqui desenhos das armas Provaveis de Fernão de Magalhães ou seja:

- De Magalhães e Sousa antigo.
- De Magalhães e Sousa de Arronches.
- De Magalhães e Sousa do Prado ou Chichorro.

Um destes brazões foi usado por Fernão de Magalhães, desde que nos firmemos no que está no seu testamento.

Com referencia á Familia de Fernão de Magalhães ainda está o caso sem aspeto de definitivo se bem que existam no Arquivo das Indias de Sevilha os inqueritos feitos em 1567 a varias pessoas, sendo algumas da propria familia.

Desses inqueritos apurei o seguinte:



Aparecem nas inquirições outros parentes que declarando-se da familia não descrevem a ligação, mas dizem que o parentesco entre Fernão de Magalhães e Lourenço de Magalhães é o que acima ficou descripto.

Como acho interessante que aqui fiquem registadas as varias referencias ás armas usadas pelo navegador, vou extrair a parte dos depoimentos referidos que dão citações. Primeiro porém quero referir-me ao precioso estudo do Sr. Dr. Antonio Bayão, illustre Director da Torre do Tombo, intitulado «A questão da naturalidade de Fernão de Magalhães — Transmontano não, minhoto» — Coimbra. 1921.

Este trabalho constituiu a «Alocução lida na sessão

soléne celebrada por ocasião do centenario da morte de Fernão de Magalhães em 27 de Abril de 1921».

Neste estudo, o Sr. Dr. Antonio Bayão inutiliza a lenda de que Fernão de Magalhães apenas tinha uma irmã de nome Theresa, casada com um João da Silva Teles e paes de um Luiz Telles da Silva, que vivendo na quinta de Souta proximo de Sabrosa, haviam fugido para o Maranhão abandonando a casa que ali tinham e onde o Rei D. Manuel tinha mandado picar o brazão do navegador por ter ido prestar serviços a Castella.

Fara provar tudo isto apareceram umas certidões em 1796 passadas pelo escrivão da Camara de Fafe, extrahidas de «hum livro antigo».



Reprodução d'uma litografia da Coleção do Sr. Conde de Almarjão

Este romance é admiravelmente analisado e desfeito pelo Sr. Dr. Antonio Bayão.

E mesmo se a família tivesse fugido envergonhada e até, como dizem escorraçada pelo povo, como é que se prestam todos os seus parentes mais proximos em 1567 a declarar que são parentes, fazendo-o sem a menor demonstração de desprezo pelo navegador?

Emfim o meu intuito é aqui deixar os elementos que conheço para auxilio de quem queira estudar o caso, e então, direi que o processo que acima citei, existente no Archivo das Indias de Sevilha, foi dado a conhecer em Lisboa no referido estudo do Sr. Dr. Antonio Bayão, que cita a obra de A. T. Medina a que já me referi, como transcrevendo parte do mesmo inquerito no Tomo II da Coleção de documentos que completa essa monumental obra.

Eu já tinha conhecimento destes e de muitos outros documentos que mandei copiar no Archivo de Sevilha, conforme disse no artigo que publiquei no jornal «Diario de Noticias» de 27 de Novembro de 1920, com o titulo «A volta ao mundo por Fernão de Magalhães»,

comemorando o 4.º centenario da entrada deste navegador no Oceano Pacifico ao acabar de atravessar o estreito que tem o seu glorioso nome.

O referido artigo foi depois incluido no VIII Volume da obra «Historia e Genealogia».

Ainda sobre tão importante assumpto fiz umas communicações na Associação dos Archeologos Portuguezes em 22 de Maio de 1921, communicações que foram incluidas tambem no referido Volume VIII com o titulo «Fernão de Magalhães na terra, no mar e no ceu — Sua Morte e gloria» e «A Comemoração do 4.º centenario da circumnavegação do globo por Fernão de Magalhães — 1520-1920».

Ainda publiquei mais no mesmo Volume, um artigo intitulado «Como na Hollanda se comemorou o centenario de Fernão de Magalhães», que em 17 de Setembro de 1921 foi incluido a paginas 190 da «Illustração Portuguesa».

No Volume IX da mesma «Historia e Genealogia» publiquei um outro artigo «Em prol de Fernão de Magalhães» — Manifestação da Associação dos Archeologos Portuguezes — 22 de Maio de de 1921.»

Alguns dos elementos para estes estudos, alem da base principal que foram os documentos de Sevilha,



Reprodução d'uma gravura da coleção do Sr. Conde de Almarjão

foram-me fornecidos pelo então Encarregado de Negocios do Chile em Portugal, Sr. D. Diego F. de Castro Ortúzar, que foi membro de Comissão Organizada das Manifestações que o seu Paiz prestou por ocasião do 4.º centenario da Viagem de Magalhães.

Por seu intermedio e pelas suas deligencias, recebi as obras a que me tenho referido sobre o Chile e sobre Fernão de Magalhães e outros navegadores de origem Portuguesa.

Vejam portanto agora varios trechos do resultado das inquerições feitas sobre a familia e armas de Fernão de Magalhães, começando pelo pedido de Lourenço de Magalhães e indicação dos assumptos sobre que deseja se façam as inquerições.

En la muy noble e muy leal ciudad de Xerez de la frontera cinco dias del mes de hebrero año del naci-mi.º de nro salvador Jesu-xpº de mill e quis.º y sesenta e siete años ante el muy noble señor fr.º lopez de grajal alcalde hordinario desta dha ciudad por el yll.º el dotor p.º Ramirez de figueroa corregidor y Just.ª mayor della por su m.ª y en presencia de mi di.º lopez escriuano p.º del numero desta dha ciudad por su m.ª e de los ts.º yuso escriptos parecio lorenço de magallanes vz.º desta dha ciudad y presento vn escrito de pedimi.º con ciertas preguntas el tenor del qual es este q. se sigue.

muy mag.º S.ºr

—Lourenço de Magallanes vz.º de la ciudad de xerez de la frontera digo que a mi me conviene que se Reciba ynformacion sobre lo de yuso contenido para lo presentar ante su m.ª Real del Rey de castilla y ante los Señores de su Real consejo de yndias por tanto a v. m. pido y Requero la mande Recebir y esaminar a los ts.º que por mi parte fueren presentados por las preguntas siguientes.

I — Primeramente sean preguntados si conocen a mi el dho lorenço de magallanes y si conocieran a payo Rodriguez de magallanes y a Ruy pais de magallanes padre e aguelo (avô) del dho lorenço de magallanes y si conocieron ansimismo o an oydo dezir a hernando de magallanes ya defunto que fue el que descubrio el es trecho que llamã de magallanes.

II — Yten si saben o an oydo dezir que el dho hernando de magallanes y el dho payo Rodriguez de Magallanes padre del dho

heram primos hermanos y parientes muy cercanos y por tales parientes fuerõ avidos e tenidos en las partes e lugares del Reyno de Portugal donde bibieron y moraron declaren particularmente los ts.º en que grado de parentesco estauam el dho payo Rõs de magallanes y el dho hernando de magallanes y por que via y origen les venia el dho parentesco y como y porq lo saben.

III — Yten si saben & que dho payo Rodrigues de magallanes fue casado y belado segun horden de nra santa madre Yglesia con doña felipa pereyra y que del dho matrimonio ouieram y procrearon per su h jo varon ligitimo al dho lorenço de magallanes y como tal su hijo le criaron y trataron y por tal fue y es avido y tenido y comunmente Reputado dygan porq y como lo saben.

III — Yten si saben quel dho lorenço de magallanes a mas de doze años q Reside en estos Reynos de Castilla y q esta casado al presente en la dha ciudad de xerez de la frontera con antona benites osorio su lygitima muger digan porq y como lo saben.

V — Yten si saben & quel dho lorenço de magallanes como tal descendiente lygitimo de la casa y linage de magallanes a traydo y trae al presente en el escudo de sus armas y en la parte principal del las armas de magallanes digan porq y como lo saben.

VI — Yten si sabeu que de todo lo suso dho sea la pu.º bos e fama.

Em Jerez de la Frontera, a 18 de fevereiro de 1567 foram ouvidos: Agostin de villavi.º; don Aluar Nuñez Cabeça de uaca; don fr.º de villani.º; don fernando de villani.º mexia e a bartolome del pino mequelim, que disseram que conheciam Lourenço de Magalhães, que sabiam que tinha existido Fernão de Magalhães, que o Lourenço era casado com Anto-

na Benites Osorio, e que o viam usar suas armas e apelido de Magalhães e que sempre o consideraram como descendente da casa e linhagem de Magalhães, não sabendo nada sobre as restantes perguntas, salientando-se porem dois que com referencia às armas de Magalhães disseram que tinham visto em poder de Lourenço de Magalhães um pergaminho escrito em portuguez com um escudo de armas que no principal lugar tinha as de Magalhães.

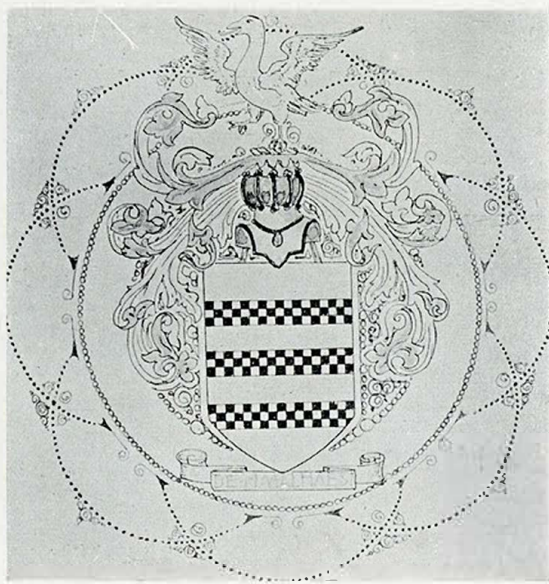
Depois na Villa dell Gran puerto de Santa Maria, a



Reprodução d'uma gravura da Coleção do Sr. Conde de Almajão



Reprodução do desenho da mensagem oferecida pela Sociedade de Geografia da Holanda à Sociedade de Geografia de Lisboa.



Armas atribuídas a Fernão de Magalhães desenhadas na mensagem que a Sociedade de Geografia da Holanda enviou à Sociedade de Geografia de Lisboa por ocasião do 4.º centenário da primeira volta ao mundo.

12 do mesmo mez e anno, foram ouvidos : p.º Lopez del Rio e Bartolome de Morales, da mesma Villa ; fr.º Riquelme, de Murcia e Roque de Almeida da cidade de Braga.

Disseram que conheceram Lourenço de Magalhães

nha visto a Lourenço de Magalhães uma Executória com as armas de Magalhães, «firmada del serenissimo Rey don Manoel de Portugal y de los de su Consejo». A seguir Roque de Almeida, portuguez, antigo com-



Verso e reverso das 5 Medalhas d'Ouro que o Governo do Chile mandou cunhar, comemorando o 4.º centenário de Fernão de Magalhães. — (tamanho natural). — Reprodução do exemplar pertencente ao Sr. Dr. Antonio José d'Almeida. — Cunho de Poslete. Junto ao timbre lá está a palavra Chefe.



Verso e reverso da medalha em prata com que o Governo Chileno condecorou as pessoas que publicaram trabalhos referentes à primeira volta ao mundo por ocasião do 4.º centenário desta façanha praticada por Fernão de Magalhães, (tamanho natural) — Reprodução do exemplar pertencente a Afonso de Dornellas.

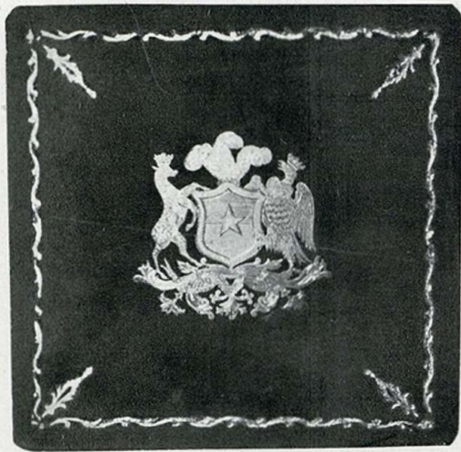
residindo em Murcia, Toledo, Saragoça, Jerez de la Frontera e outras partes de Castella, acrescentando Francisco Riquelme alguns dados biográficos de Lourenço de Magalhães, dizendo que o conheceu em Murcia em casa do Bispo, acompanhando Estevão de Almeida, Bispo de Cartagena, como seu pagem, conhecendo-o ainda quando a mesma testemunha esteve no Hospital de Saragoça e depois em Madrid em Casa de Rui Gomes da Silva que foi Duque de Pastrana.

Ainda Francisco Riquelme disse que em Murcia ti-

panheiro de escola de Lourenço de Magalhães natural de Braga, disse conhecer a família Magalhães em Portugal, sendo verdade o que Lourenço perguntava nos quesitos, e que Payo Rodrigues de Magalhães era também natural de Braga, dando ainda um esclarecimento interessante sobre as armas explicando que Lourenço de Magalhães = «trae las armas de los magallanes e a la parte derecha del y lo sabe... porque lo a visto» =

Em Ponte da Barca, Conselho e terra de Nobrega, em 3 de Abril de 1567, pelo Juiz ordinario e Cavaleiro

Fidalgo, Gaspar Cerveira, foram ouvidos: Manoel de Magallanes de Meneses Señor de la tierra de la noblega;



Tampa do estojo da medalha que o Governo do Chile destinou ao Chefe d'Estado Portuguez. — Reprodução do original, propriedade do Sr. Dr. Antonio José d'Almeida, (Vellido vermelho e ouro) — a chapa de ouro representa as armas do Chile.

Ju.º Coelho escudero fidalgo é Ju.º Garcia bello, cauallero hidalgo.

O primeiro «dixo que hera pariente dentro en el quarto grado de los dhos lorenzo de Magallanes e payo Rodrigues de Magallanes su aguelo e de hernando de Magallanes e que ansi el como ellos a Riba nonbrados son de los chefes de la Casa de Magallanes». Sobre o usa das armas de Magalhães pelo Lourenço disse que «no sabe si las trae e lleuo por esas tierras mas q. en pero el las puede cierto traer bien por ser de la generacion de los principales chefes de magallanes».

Ju.º Garcia bello, de 90 annos pouca mais ou menos, disse ser verdadeiro todo o parentesco que Lourenço alegava e disse mais que «conosciera a her.º de magallanes el que descubrio el estrecho de magallanes y que se acuerda quando el fue de Portugal para el Reyno de Castilla e que otro si conosco a Ruy de magallanes su padre de hr.º de magallanes».

Em Ponte de Lima, a 6 de Abril de 1567, por ordem do Juiz de Fora Ju.º Ruan, foram ouvidos: hetor de magallanes, escudero fidalgo; hr.º de magalhães, escudero fidalgo; fr.º de magallanes, escudero; Antonio de Magallanes, escudero fidalgo e Ysebia pereyra dueña biuda muger que fue de fernan brandon q. santa gloria aya.

As primeiras quatro testemunhas declararam que eram primos em quarto grau de Lourenço e a quinta testetunha declarou ser prima com irmã. Todos declararam ser verdadeiras as afir-

mações de Lourenço e que esta familia tinha solar conhecido e era fidalda de cota d'armas.

Em Braga, em 11 de Abril de 1567, por despacho --del S.º antonio lopez desembargador de la casa de la suplicacion del Rey n.º S.º y oydor en esta ciudad (Braga) y su terra e general en los cotos de su jurisdiccion y por el muy yll.e y R.º S.º el Señor don fray bartolomeu de las martires por m.º de dios y de la Santa madre Yglesia de Roma arçobispo y Señor desta ciudad primaz de las Españas y del consejo del rrey n.º S.º foram ouvidas as testemunhas seguintes: Ju.º moro vicario de san martin de dume; p.º de sosa fidalgo de ia casa del rey; ysabel matosa dueña viuda; mencia alvarez; catalina antonia (filha da anterior) muger de fr.º de lima fidalgo en los libros del Rey; Arias dias ceRajero e ysabel perez muger de Arias diaz.

O primeiro, Ju.º moro disse que batisara Lourenço de Magalhães «en el monest.º se Satta ouaya de rriocobo» e que Payo Rodrigues de Magalhães, pae do antecedente, «seruio en este reyno de capitan del rrey por mar y por tierra y en guinea.»

O segundo, p.º de sosa, disse «que el soplicante lorenzo de magallanes es su primo hermano porque su madre fue hermana» de seu pae. Referindo-se ao navegador e a Payo Rodrigues de Magalhães primos ir-



Mensagem enviada á Sociedade de Geografia em 1921, remetendo a reprodução do vitral que depois foi oferecido á mesma Instituição.



Armas de Magalhães conforme tem sido apresentadas. Reprodução da gravura que inclui J. T. Medina na sua obra «El descubrimiento del Océano Pacífico etc. Santiago do Chile 1920.

mãos entre si, diz que foram «ambos mucho conformes en las naturalezas y en las ynclinasciones ambos mucho aventureros y amigos de navegacion e ynngenios peligrinales y estrahordinarios».

Ysabel Matosa, ama que foi de Pedro de Sousa, disse que era parenta de Lourenço de Magalhães e prima de sua mãe confirmando todo o restante.

Mencia Alvarez declarou que Lourenço de Magalhães «le nascio en las manos», confirmando o restante.

Catalina Antonia filha da antecedente confirmou também os parentescos indicados, como igualmente responderam Arias dias ceRajero e sua mulher Ysabel peres.

Em Sevilha em 19 de Julho de 1567, foram feitas inquérições sobre a existencia dos herdeiros de Fernão de Magalhães, provando-se que já tinha morrido Diogo Barbosa sogro de Fernão de Magalhães; Beatriz Barbosa, mulher deste e Rodrigo de Magalhães filho destes ultimos, como se provou que o segundo filho do navegador, nasceu morto.

A primeira testemunha foi «Ximon de pauia» que disse ter inteiro conhecimento da morte de todos pois que D. Beatris Barbosa era irmã de sua mãe e portanto era neto de Diogo Barbosa.

A segunda testemunha foi Francisco Faleiro, de 73 annos de idade, que declarou que todos tinham morrido.

Apesar de todos estes esclarecimentos e provas, as auctoridades de Castella não se conformaram, pois só a descendentes ou a herdeiros Castelhanos é que seria dada a grande fortuna que pertencia a Fernão de Magalhães.

Lourenço de Magalhães cuidou bem do assumpto

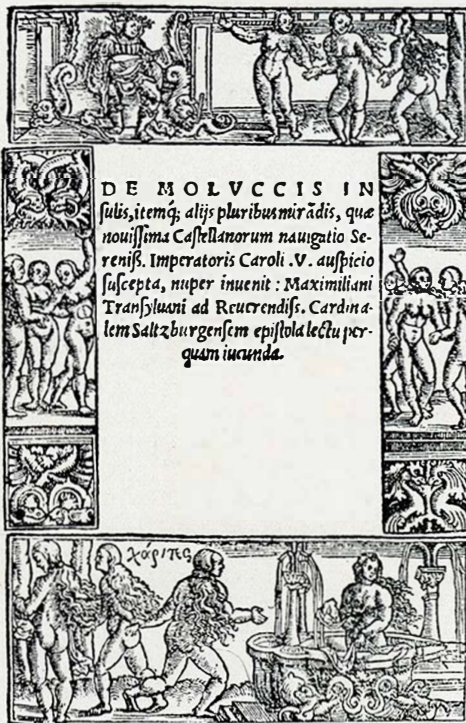
tratou de ir viver para Castella, lá casou e parece que a sorte o protegia pois morreu Fernando de Magalhães, morreu a mulher e os filhos e morreram os irmãos de Fernando de Magalhães indicados no testamento.

Pelo aspeto em que estudamos ligeiramente este interessante assumpto, deprehendemos que Lourenço de Magalhães usava um braço partido de Magalhães e de outras armas que não são citadas, sendo de calcular que tendo elle o maior cuidado, como teve, de tentar por-se ao abrigo das clausulas do testamento do navegador, indo viver para Castella, casando lá e depois empregando os maiores esforços em ser considerado herdeiro, também concerteza usaria as mesmas armas de Fernão de Magalhães.

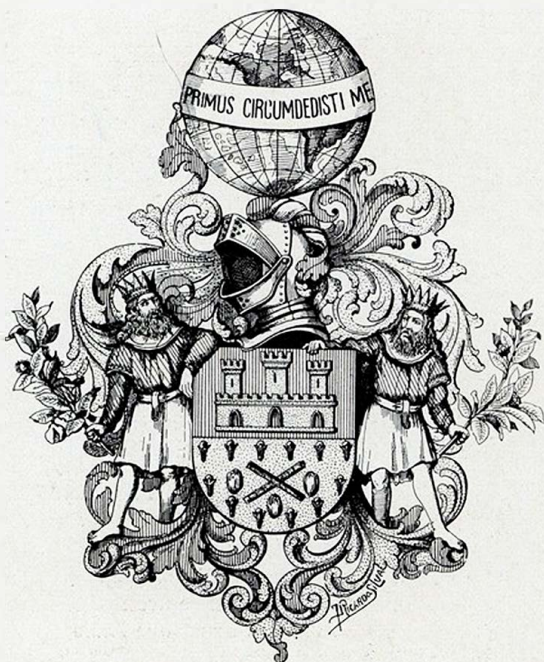
Dizemos que o brasão era partido porque citamos atraz uma tetemunha que declarou que nestas armas, a direita era ocupada pelas armas de Magalhães.

*
* *

Tem havido opiniões de que Fernão de Magalhães se não tivesse morrido no caminho e tivesse chegado a Castella, receberia as mesmas armas que foram concedidas a Juan Sebastian del Cano.



Esta reprodução é feita pela que apresenta J. T. Medina na sua obra «El descubrimiento del Océano, Santiago do Chile. 1920—O mais antigo livro que trata de Fernão de Magalhães. — Reprodução do frontispicio que deu Stevens na sua obra «Johann Schoner, London, 1888.



Armas de Sebastião del Cano conforme a Carta d'Armas que lhe foi dada

Eu julgo que não e julgo assim, porque a travessia do Estreito, a descoberta do Oceano Pacifico, do Chili, de tudo o mais que Magalhães descobriu até chegar ao ponto que já era conhecido pelos portugueses, merecia concertesa umas armas muito diferentes d'aquellas que foram dadas a del Cano.

O meu argumento é baseado nas armas que foram dadas a outros navegadores ao serviço de Castella e até a navegadores de origem Portuguesa como Cristovão Colon e Estevão Gomes que tiveram armas concedidas por aquelle Reino.

Vejamos a carta d'armas de Juan Sebastián del Cano:

—Don Carlos, por la gracia de Dios etc... y Doña Juana su madre, etc. Por quanto vos, Juan Sebastián de el Cano, vecino de Guetaria, que és en la nuestra provincia de Guipúzcoa, capitán de la nao *Vitoria*, que descubrió la nuestra Especeria, y la trujo a nuestros reinos, en que habéis pasado muchos trabajos, e Nos habemos rescebido muy señalado servicio en nuestros reinos, y en nuestros reinos tanto provecho y noblescimiento, e acatando lo susodicho, e porque de vos y de los dichos vuestros servicios e del dicho viaje que ansi hicisteis quede perpetua memoria, e vos e vuestros descendientes seáis más honrados, por la presente vos hacemos merced e queremos que podais tener e por vuestras armas conocidas un cas. tillo dorado en campo colorado, en la mitad del escudo en lo alto dél, y en la otra mitad, a la parte de abajo, un campo dorado, sembrado en él la dicha especeria que es dos palos de canela en aspa y tres nueces moscadas y doce clavos de especeria sembrado, y encima dél una figura de mundo, y encima del dicho mundo un rótulo que dice: PRIMOS CIRCUMDEDISTI ME; el qual dicho escudo sostienen dos reys, vestidos de la cintura arriba de verde, e de alli abajo puestos unos paños blancos, y en piernas, y sendas coronas en las

cabezas y en las manos sendos ramos, el uno de clavo y el otro de nueces moscadas, que son los reys que en las nuestras islas de la Especeria señoreaban: en un escudo a tal como éste. — Dada em Valladolid, a 20 de mayo de 1523. — yo el Rey.

Esta carta está registada no «Nobiliario de Conquistadores de Indias», paginas 56.

Nesta carta portanto, o que se considera como principal serviço prestado por Juan Sebastián del Cano, foi o ter levado a especiaría até Castella sem a menor referencia ao que representou o serviço prestado por Fernão de Magalhães e mesmo se fossem reconhecidos a del Cano os serviços prestados por Magalhães, devia ter sido dado aquelle, o que foi prometido a este, no que respeita a valores e categorias.

Sou pois de opinião que a Magalhães, teria sido dada a representação da sua monumental acção e não os cravinhos de cabeça, a canela e a nós moscada.

As unicas peças das armas de Cano que figurariam nas armas de Magalhães, seria o castello que o Rei deu das suas proprias armas e a esfera terrestre cercada pela divisa «Foste o primeiro que me circundaste».

De facto o mais graduado marinheiro da armada de Magalhães que d'aquella vez circundou o globo, foi Juan Sebastián del Cano, porque os superiores a este foram morrendo pelo caminho.

Muito rapidamente me vou referir a este navegador, João Sebastião del Cano que de facto deu a volta ao mundo seguidamente.

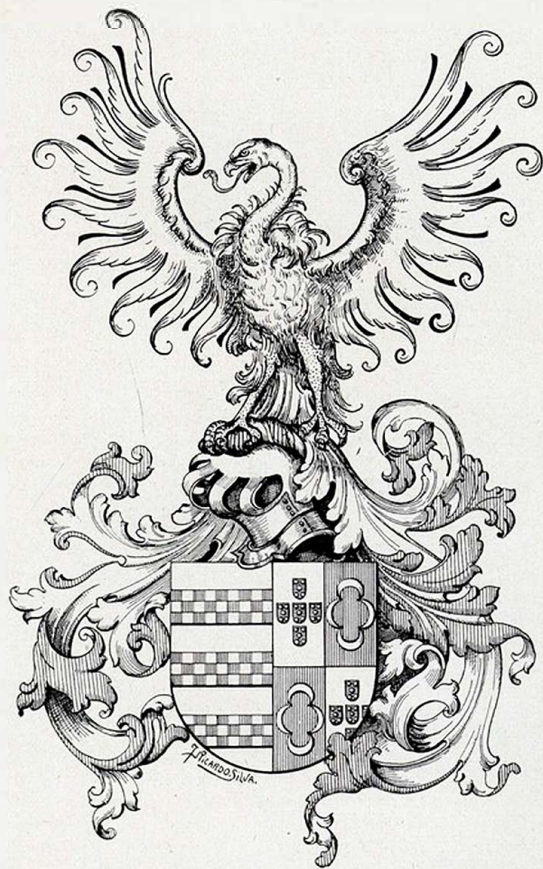


Armas de Fernão de Magalhães—1.º exemplo—portadas de Magalhães e de Sousa antigo

Chegado que foi a San Lucar, immediatamente escreveu ao Rei comunicando-lhe o facto e aguardando as suas instruções.

Na «Historia de Juan Sebastian del Cano», vem a paginas 276 a seguinte resposta:

— Valladolid, 13 de Setiembre de 1522. — El-Rey. — Capitan Juan Sebastian del Cano: vi vuestra letra que me escribistes de San Lucar, en que me haceis saber vuestra llegada en salvamento con la nao nombrada la Victoria. una de las cinco naos que fueron al descubrimiento de la especieria, de que he holgado mucho por vos haber traído nuestro Señor en salvamento, y le doy por ello infinitas gracias; y porque yo me quiero informar de vos muy particularmente del viaje que habeis hecho, y de lo en él sucedido, vos mando que luego que esta veais, tomeis dos personas de las que han venido con vos. las mas cuerdas y de mejor razon, e os partais y vengaís con ellos donde yo estuviere: que con este correo escribo á los oficiales de la Casa de la Contratación de las Indias que os vistan y provean de todo lo necesario á vós y á las dichas dos personas. Y quando viniéredes, traereis con vos todas las escrituras, relaciones de autos que en el dicho viaje habeis fecho. . . veintena parte que nos pertenece. . . aquintaladas. Yo he por bien, acatando vuestros servicios y trabajos, de vos facer merced, é por la presente vos la hago de la dicha quarta parte de la dicha veintena, si á nos pertenece de las dichas vuestras cajas aquintaladas é mandamos á los nuestros oficiales de la Casa de la Contratación de la especieria que vos no impidan



Armas de Fernão de Magalhães—3.º exemplo—partido de Magalhães e de Sousa de Arronches



Armas de Fernão de Magalhães—2.º exemplo—partidas de Magalhães e Sousa do Prado

ni lleven cosa alguna de la dicha quarta parte de la veintena si á Nos pertenece la dicha veintena de la dicha nao nombrada la Victoria. En los trece hombres que vos fueron tomados en las Islas de Cabo Verde, yo he mandado proveer para su deliberacion lo que conviene. De Valladolid, 13 de Setiembre de 1522 años. — Yo el Rey — Por mandado Francisco de los Cobos.



INSTRUÇÕES PARA A ARMADA DE MAGALHÃES

Sem largos comentarios, como aliaz era bem merecido, vou transcrever um documento existente no Archivo de Sevilha, datado de Barcelona de 8 de Maio, começando pela parte que indica o espaço a que tinham direito as diferentes cathogorias da tripulação da Armada.

«Estas son las quintaladas que se han de cargar en las naos que van a la especieria en lo que cada uno ha de cargar de lo qual pagara guarda e veyntena a sus Altezas»

«Primeramente Fernando de Magallanes e Rui Falero capitanes generales de la dicha Armada avran sesenta quintales de camara cada uno.»

«Yten de quintalada veynte quintales cada uno e estos veynte se cargaran debaixo de cubierta e las camaras sobre cubierta.»

«Los otros tres capitanes avran cada uno cuarenta quintales de camara e diez quintaladas.»

«El tesorero veynte quintaladas de camara e una quintalada de baxo de cubierta.»

«El contador otro tanto.»

«El escribano de las naos quince quintales de camara e una quintalada.»

«Alguazil del armada seys quintales e una quintalada.»

«Los merynos de las naos quintalada e media.»

«Capellanes cada uno quatro quintales.»

«El fisico e cirurgano cada uno cinco quintales.»

«Maestres e pilotos doce quintaladas cada uno de camara e sendas quintadas.»

«Contramaestres ocho quintaladas cada uno de camara e una quintalada.»

«Marineros cada uno una quintalada.»

«Grumetes cada uno quintal e medio.»

«Pajes cada uno tres arrobas de quintalada.»

«LOMBARDEROS»

«Los condestables tres quintales cada uno de camara e una quintalada.»

«Los otros lombarderos quintalada e media cada uno.»

«Carpinteros quintalada e media.»

«Calafates otro tanto.»

«Toneleros otro tanto.»

«Ballesteros otro tanto.»

«Los hombres de las capitanías una quintalada cada uno.»

«Despenseros tres quintales cada uno.»

«Canteros tres quintales cada uno.»

«Syendo caso que a nuestro servicio cumpla fagase alla fortaleza que en ella quedare de los arriba dichos les seran cargadas las dichas quintaladas en las naos que vinieren e avran en cada un año de los que alla estuvieren otro tanto.»

«E por que en la dicha armada van personas hidalgas e de merecimiento sin cargo para que ofreciendose caso que alguno de los capitanes e oficiales que en la dicha armada van fallestieren lo que

«dios no quiere para nos servir en los dichos cargos cargara diez quintales de camara e una quintalada debaxo de cubierta.»

«Faziendose fortaleza los nuestros capitanes provean a las tales personas de los cargos e oficios que en la dicha fortaleza fueren nescesarlos ponyendoles los salarios competentes fasta que nos lo proveamos.»

«CAXAS»

«Los capitanes generales llevaran quatro caxas de que no pagaran

«syno veyntena.»

«Los otros capitanes llevaran tres caxas cada uno con el mesmo partido.»

«Contador e tesorero cada dos caxas.»

«Los escribanos de las naos sendas caxas.»

«Maestres e pilotos sendas caxas.»

«Contramaestres sendas caxas.»

«Alguazil de la armada una caxa.»

«Capelian sendas caxas.»

«Los merinos de las naos sendas caxas.»

«Los hombres de los capitanes entre dos una caxa.»

«Fisco e cirurgano sendas caxas.»

«Marineros entre dos una caxa.»

«Grumetes entre dos una caxa.»

«Pajes entre tres una caxa.»

«Los condestables de las naos sendas caxas.»

«Los otros lombarderos entre dos una caxa.»

«Carpinteros, calafates, canteros, toneleros e ballesteros como marineros entre duas una caxa.»

«Despenseros sendas caxas.»

«Los sobresalientes cada uno una caxa.»

«Yten aveys de entender que toda

«el armada va a rriesgo comun de todos los navios e cosas que en ellos van.»

«Yten mandamos que se de traslado de esta nuestra ynstrucion a Juan de Cartagena contino de nuestra casa e veedor general de la dicha armada para que vea como se guarda a cumple todo lo en ella contenido asy por los dichos nuestros capitanes generales como por los otros capitanes e oficiales de la dicha armada e de las otras personas que en ella van.»

«Todo lo qual vos encargo e mando que fagays e cumplays con



Reprodução d'uma litografia da Coleção do Sr. Conde do Almirão. Desenho de J. Gebrian

«aquella fidelidade e cuydado e buena diligencia que yo de vosotros confio que en ello me servireys/, hecha en Barcelona a ocho dias dei mes de mayo año dei nascimiento de nuestro salvador ihu xpto de mill e quinhientos e diez e nueve años/, yo el Rey por mandado del rey francisco de los cobos e quatro firmas estan en las espaldas de señales.»

Esta curiosa relação, que dá a elevada cathgoria de Capital General da Armada a Fernão de Magalhães, constitue o fim do documento que vou passar a transcrever e que consiste nas instrucções dadas pelo Rei de Castella para governo e acção da armada.

Num. 100 — Real cedula con las instrucciones dadas a Magallanes y Faleiro para su viaje y descubrimiento — Barcelona. 8 de maio de 1519 Arch. de Ind. 41.6.2 25. — «El Rey.» — «Lo que vos Hernando de Magallanes e Rui Falero Caballeros del orden de Santiago en el cargo que agora llevays de nuestros capitanes generales del Armada que mandamos fazer en la ciudad de Sevilla para el descubrimiento que con la gracia de dios e su ayuda aveys de hazer e la manera que en el dicho viaje se ha de tener es la siguiente.»

«Ynstrucion de lo que han de fazer e guardar los capitanes en el viaje.»

«La principal cosa que vos mandamos y encomendamos es que en ninguna manera no consintays se to que ny descubra tyerra ny otra ninguna cosa dentro en los limites del serenissimo Rey de Portugal mi muy caro e muy amado tio por que mi voluntad es que lo capitulado e assentado entre la corona real de Castilla e la de Portugal se guarde e cumpla muy enteramente ansy como esta capitulado»

«Quando plaziendo a dios partieredes de Sevilla para seguir vuestro descubrimiento aveys mucho de mirar que los navios en que fueren cargados los mantenimientos e las otras cosas para el ar-

«armazon no vayan sobre cargadas como muchas veces acontece yr por que de lo semejante se resrece mucho peligro e lo que dios no quiera conteciendo alguna cosa seria grand daño para la dicha armada e a la cabsa aveys de mirar que no lleve mas cargas de la que seguramente pueden llevar e lleven la manzera descubierta sobre el agoa e la mesma manera tendreys sobre el agoa do quira que plaziendo a dios hizieredes vuestra carga de tornaviaje.»

«E primero que salgays del Rio de la dicha cibdade o despues

«de salidos del llama-
«reys los capitanes pi-
«lotos e maestres e
«darleseys las cartas
«que teneys fechas pa-
«ra fazer el dlcho via-
«je e le mostrareys
«la primera tyerra que
«esperays yr a desco-
«brir e por que sepan
«en que derrota esta
«para yr a la demandar
«e por que los otros
«navios vos puedan
«syempre seguir e
«acompañar e no se
«aparten de vosotros
«dareys luego por hor-
«denança a los capita-
«tanes de las dichas
«naos que cada dia a
«las tardes vos den su
«salva segund se acos-
«tumbra a hazer a los
«capitanes mayores de
«qualquier armada asy
«por que no se emba-
«razen unos con otros
«como por que no se
«pierda el camino que
«en tal viaje en esto e
«en otra qualquier cosa
«se deve mucho mirar
«e al tiempo que las
«naos dieren las salvas
«los capitanes manden
«que los pilotos digan
«los uncs a los otros
«donde se ayan asy por
«las alturas como por
«los puntos por que
«con mas acuerdo vo-
«sotros podays he n-
«comendar lo que viere-
«des que mas cumple a
«vuestro viaje e los es-
«cribanos de las dichas
«naos asentarán lo que
«cada uno de los dichos
«pilotos dize, e por que
«muchas veces acaesce
«que los tiempos no

«dan lugar a que las naos se puedan comunicar puesto que todas vayan vista en tal caso los capitanes de las otras naos tomarán cuenta a sus pilotos adonde son e por la derrota que llevan cobrarán la tyerra que van a demandar para que quando pudiesen llegar vosotros den quenta dello.»

«Asy mismo dareys hordenanças a los otros capitanes que con mucho cuydado miren cada noche por vuestras naos e por aquella que llevare el farol e la siguyan syempre e quando la dicha nao



Reprodução d'uma litografia da Coleção do Sr. Conde de Almarjão. — Desenho de C. Legrand

«del farol quisiera saver si van todas las naos a vista dellas fara un
 «fuego e todas las otras rresponderan con otros sendos por que vos
 «sepays que van todas e quando la nao del farol quysiese virar en
 «otro bordo hara doss fuegos e responderan con otros doss cada na-
 «vio e despues que vos rrespondieren todos virareys e lo mismo fa-
 «ran ellos e por que vos sigan fareys un fuego como de antes e sy
 «lo que dios no quisiera algunas de las dichas naos se desaparejase
 «la tal nao hara muchos fuegos por que todos los otros navios le
 «acudan e vayan a el e ninguna virara ni amara ny tirara boneta
 «ny la meta sin que primero le hagays los dichos fuegos e señales
 «ya dichos e todos
 «vos tengan rrespon-
 «dido en la manera
 «que dicho es.»

«E despues que
 «asy fueren amaina-
 «dos por las señales
 «que les hizieredes
 «para amana no tor-
 «nara ninguno de los
 «otros navios a guin-
 «dar salvo despues
 «que les hizieredes
 «otros tres fuegos y si
 «alguno no respondi-
 «re en tal caso no
 «guindara ninguno de
 «los otros navios ni
 «vosotros e todos an-
 «dareys aminados fas-
 «ta que sea de dia
 «por que de rrazon no
 «podra tanto arrolar
 «las naos que de dya
 «no se vean.»

«E sy antes de
 «tener atravesado fas-
 «ta las cañas vos ven-
 «tare algun vendaval
 «tan Rezio que no po-
 «days parar o viere-
 «des que convenga
 «tomar a esta costa
 «lo que nuestro señor
 «no mande hareyslo
 «con toda la flota
 «quanto fuere posi-
 «ble al ryo de Sevyll-
 «la o a cadiz e sy al-
 «gund no pudiere to-
 «mar el puerto que
 «vos tomaredes tra-
 «bajara por tomar el
 «mas cercano e siguio
 «puerto e de alli o de
 «qualquier puerto en que se hallare vos lo hara luego saber parz que
 «le mandeys lo que faga e no vos hallando en esos dichos puertos
 «lo hara saber a los oficiales de la casa de la contratacion de Sevylla
 «para que de alli le manden lo que ha de hazer.»

«Por la manera susodicha hareys todos juntamente camino con
 «la buena ventura a la tyerra que nombraredes a los otros capitanes
 «e pilotos e quando llegaredes alia saldrey en tyerra e porneys un
 «padron de nuestras armas no siendo en la demarcacion del Sereni-
 «simo rey de Portugal nuestro hermano e hareys asiento por los es-
 «cribanos de la tyerra en que asy asentaredes el dicho padron de-
 «clarando en quantos grados esta de la latitud e ansy mesmo quan-
 «tos esta de longitud de la demarcacion de entre estos reynos e los
 «de Portugal e syendo la tal tyerra poblada procurareys de aver ha-

«bla con la gente della no poniendo vuestras personas en tyerra ni
 «gente que pueda recibir peligro salvo teniendo tal seguridad dellos
 «que sin receio se pueda fazer e tenyendo con vos habla procurareys
 «de saber que manera es la que tienen y si en la tyerra ay cosa de
 «que nos podamos aprovechar no rrescribiendo de vos ni de vuestra
 «compañia ninguna sin Razon.»

«Terneys tal manera que de las coasa que lleveys dareys al rey
 «o señor de la tyerra algo en señal de amistad por que quede con
 «buena voluntad para qualquier nao que ay llegare o tovyere nesce-
 «sidad de agoa e de bastimentos de la tyerra por que se los den con

«buena voluntad e
 «puesto que dellos por
 «alguna manera algu-
 «nas personas de otra
 «compañia rrecibira
 «algun desaguisado no
 «sean de vosotros mal-
 «tratados puesto que
 «lo podays fazer e es-
 «to se entendera en
 «los lugares que vie-
 «redes que sea nesce-
 «sario para rreparo de
 «las nuestras armadas
 «que en adelante con
 «el ayuda de nuestro
 «señor an de navegar
 «las tyerras que ys a
 «descobrir.»

«E syendo caso
 «lo que Dios no qui-
 «syere que algund na-
 «vio de vuestra con-
 «serva se aparte de
 «vuestra compañía
 «trabajara por cobrar
 «la tyerra que le avya-
 «des mostrado que
 «primeiro aviays de
 «yr a demandar e sy
 «a ella llegare e non
 «vos hallare ni señal
 «de veros esperara un
 «mes e no llegando
 «vos en este tiempo
 «adonde el dicho na-
 «vio es tovyere el ca-
 «pitan mandara poner
 «señal en tyerra a la
 «entrada dei ryo asi a
 «mano derecha como
 «a mano izquierda e
 «sera la dicha señal
 «de piedras combiene
 «a saber cinco meti-



Reprodução d'uma litografia da Coleção de Afonso de Dornellas. — Desenhado por Luiz Gruder, Rua das Chagas, 23. — Impr. Vasques. Chiado, 61.

«das en el suelo e asy mismo una cruz de palo e dexar escripto en
 «alguna olla so la tyerra el tiempo que llevo e los navios que son
 «pasados e quanto estuviere fecho teniendo tomada su agoa o leña
 «iran por la costa adelante descobriendo todo rresguardo de manera
 «que no se pierda el tiempo e dexando syempre las dichas señales
 «en los lugares necesarios.»

«E descubriran por la dicha costa adelante ciento o ciento cin-
 «quenta leguas donde mejor aparejo hallare para tomar agua o leña
 «e las otras cosas necessarias e mas seguro puerto para las naos e
 «los maestres e pilotos seran avisados de no hechar ancla a la mar
 «sin primero tener guarda e saber si es limpio para que no se pier-
 «dan las anclas e ally esperaran quinze dias e no llegando vos o al-
 «gunas de las outras naos en este tiempo dexara las dichas señales

«e seguira la costa adelante otras cient ieguas y fasta el ynquinocial
«donde quiera que fallare buen puerto por que de ally pueden yr a
«demandar las islas o tyerra firmas que vos les teneys señalado.»

«E sy por caso alguno de vosotros llegare primero a los dichos
«lugares arriba declarados esperareys diez dias en quanto tomaredes
«vuestra agua e laña e dexareys las dichas señales escriptas en ia
«manera que ternan para vos seguir e vos fareys vuestro viaje segun
«mejor vos parecyere por no perder tyempo.»

«E quando con la buena ventura llegaredes a las islas e tyerras
«adonde ay las especerías tomeys asyento de paz e trato con el rey
«o señor de la tyerra como vieredes que es mas mi provecho e syr-
«vicio e por que en esto yo creo que hareys todo lo que cumple a
«nuestro servicio no vos lymitamos cosa alguna por que bien cree-
«mos que terneys abilidad para lo fazer por la experiencia que te-
«neys abilidad para lo fazer por la experiencia que teneys de las
«cosas semejante.»

«En quanto asentaredes el trato e posesion de las cosas de la
«tyerra probareys de poner las vuestras en el mayor prescio que pu-
«diereis e el asyento que sobre elle fiziereis con el señor o rey
«de la tyerra trareys escripto de su letra e asy le quedara lo mismo
«que con el asentaredes firmado de vosotros ambos e de cada uno
«de vos e de nuestro veedor general lo qual mandaremos guardar
«enteramente e quanto esto fuere fecho y empezaredes a tomar carga
«el veedor e fator de la dicha armada con el escribano della e los
«escribanos de las otras naos faran la entrega de las mercaderías que
«rescibiran las de latyerra por peso e medida asy las unas como las
«otras e fara cada escribano un libro y el escribano de la fatoria con
«el veedor e fator hara uno de todas los quales seran firmados de
«vosotros del cargo y data declarando los prescios de las unas e de
«las otras e vosotros las mandeys cargar a granel en fardos como vos
«pareciere sea provechoso.

«E por que o nuestro servicio cumple que vuestras personas no
«se pongan en tyerra de que podays rrescimir daño vos mandamos
«que no salgays a tyerra a hazer ningun consierto syno embiar al-
«gunos de los oficiales o outra persona que vieredes que mejor lo
«podra fazer e syendo caso que el Rey o Reys con quien hiziereis
«paz e asyento no lo quiera conceder sino con vuestras personas
«mismas en tal caso me parece bien que tomando Rehenes buenos
«uno de vosotros podra salir en tyerra a tomar asyento con el Rey
«e ganaldes paz e seguridad en quanto por el e por los suyos fuere
«guardado el dicho padron nos seremos obligados a le guardar todo
«lo que por vosotros con ellos fuere asentado e faziendo el contrato
«quedara a nuestro mandar fazer lo que mas fuere a nuestro servicio.»

«E por que vosotros aveys dicho que en las partes adonde ys a
«buscar las especearias si navega de muchas partes en tal caso vos
«mandamos y encomendamos que halando naos en lamar o puerto
«donde llegaredes que venga de outras partes donde vos pareciere
«que nos ni nuestros naturales no podamos tener trato con ellos
«syendo gentiles que los amonestey que mas no venga a tratar en
«aquellas tyerras sin nuestra licencia o de nuestros capitanes o go-
«bernadores de las dichas tyerras e que faziendolo los tomaran sus
«naos e faziendas e captivaran sus personas e siendo las dichas
«naos de moros que no sean de las tyerras de nuestras marcaciones
«donde puedan tener trato los tomareys e sus personas e faziendas
«porneys a buen recabdo poniendo en las dichas naos personas fie-
«les e no entraran en ellas sino los nuestros oficiales con aquellas
«personas que hordenaredes para guarda de la dicha fazienda e se
«buscaran todas las personas que en la dicha nao fallaredes que no
«se asconda nada de lo que trouxeren.»

«Despues d' buscado todo lo que se hallare de oro e plata e per-
«las e pedrería se escribiran e asy todas las otras mercaderías e por
«que podrya ser que con temor vuestro escondiesen las dichas cosas
«en parte que las no pudieredes faliar creyendo que escapando de las
«naos los salvaran mandareys hazer aquellas diligencias que vieredes
«que son nescesarias e procurareys de saber se en las dichas naos
«vienen moros e moras principales e de Rescate e aviendolas porneys
«a buen recabdo hatandolas bien a fin que si alguna gente de nuestra
«armada por case que dios no quiera se perdiere o por outra alguna

«fuere en poder de las gentes de esas tyerras podreys aver a troque de
«los dichos moros e syendo algunos de los dichos moros naturales
«de las tyerras que fazen en las vuestras demarcaciones que viere-
«des o supieredes que ay mercaderías o oro de que nos podamos
«aprovechar fareys con ellos asyento e a esta cabsa es bien que sean
«de vos bien tratados declarandoles la Razon por que tomays las
«naos que es por ser de gentes con quien no queremos tener paz
«ni trato.»

«I. legando a los puertos donde los tales moros fueren naturales
«embiareys a tyerra a uno de ellos a fazer saber ai rey o señor della
«como soys alli venlido por nuestro mandado para fazer paz e trato
«con ellos e queriendola ellos acatarle soltareys libremente todos
«los que trouxereds captivos e les dareys todo aquello que les fue
«tomado por donde podran conocer que nuestra voluntad no es fa-
«zer mal a los que con nos quiesieren tomar asyento de pas e trato
«de mercaderías e para que sepan verdaderamente lo que es suyo
«quando las tales naos tomaredes e dareys quenta ai escribano de
«la nas o naos que tomaredes la fazienda que cada uno trae.»

«E de los moros o moras que tomaredes e no fueren de las
«tyerras que nos pertenescen que avemos por tomados de buena
«guerra sabreys mejor que pudieredes los que son de Rescate e
«aviendo personas que puedan valer de quinientos vorapines (sic)
«arriba este tal se tomara para nos por su avaluacion e los otros ha-
«zeldos avaliar e poner en almoneda e lo mejor seria si los de la tyerra
«ora los quisieren comprar venderse los por lo que fuere bueno por
«escusar de gastar los bastimentos e siendo caso que los tomeys en
«la mar en parage que no vos este bien yr a contrarar a la tyerra en
«tal caso nos parece que tomandoles las mercaderías e algunos del-
«los de los que en sus personas e aspeto vos pareciere que mas
«conviene e que buenamente se pueda traer en las vuestras naos
«por las personas que nos van a servir las otras con las naos en que
«vinieren dexareys yr e no areys ninguna crueldad contra ellos avi-
«sandoles que no vuelvan mas a aquellas tyerras syno siendo de
«parte que pueda traer mercaderías que nos cumplan e les dareys
«vuestras cedulas para que puedan venir con las dichas mercaderías
«faziendole sáver que quando en la mar vyeran naos vuestras syen-
«do ellos a barlobento de las vuestras la vengan a demandar e
«echar el batel fuera e vendran a vuestras naos ofreciendoles lo que
«dellas ovieren menester e a dalle quenta de donde vienen e lo que
«traen.»

«Syendo a sotaviento amanearan las velas y echaran un batel
«fuera obiendo tyempo para ello o faran lo susodicho los que al-
«contrario fizieren seran tomados de buena guerra e syendo de al-
«guna nao de tyerra adonde llegastes de la que estan en vuestras
«demarcaciones que con vos lo quisiere tomar asyento de paz seran
«tomados de buena guerra como sy no fueren de las tyerras de
«vuestras conquistas e sy nescesario fuere usar con ellos de alguna
«crueldad lo podreys fazer moderadamente por dar exemplo e cas-
«tigo a otros embiandolos en la nao para que vayan a su tyerra a
«mostrar el daño que se les fizo e la Razon por que e tomando las
«naos del lugar donde ya estuviessedes e rescibiesedes buenas com-
«pañías seran de vos muy bien tratados para que sepan que los que
«quieran nuestra paze amistad han de ser favorecidos e gasajados e
«los otros que el contrario fizieren con todo rigor tratados.»

«La manera que terneys en las presas que tomaredes sera que
«vosotros tomareys de casa presa una joya que en nuestro Reyno
«pueda valer fasta quinientos ducados no syendo moro de rescate
«ny piedra preciosa que valga la dicha coantia por que en tal caso
«esto se ha de guardar para nos e de las otras mercaderías e cosas
«tomareys la mejor que valga coantia del dicho prescio syendo la
«dicha presa de valor de diez mill ducados e no trayendo la nao joya
«que podays tomar avreys tres por ciento de todo lo que truxere.»

«E tomada la dicha joya a prescio susodicho se sacara la veyn-
«tena parte de todo para la redencion de captivos la qual sacada se
«tomara el quinto de toda la otra suma para nos de lo qual vosotros
«avreys el Requito e dei resto se haran tres partes e las dos seran
«para nos e para el armazon e la una para la compañía e lo que
«montare nuestra parte se entregara a nuestro fator de la armada fa-

«zendo los escribanos asyento de todo e dei tercio que quedare para la compañía se hara lo siguiente que los capitanes mayores avran veint partes e todos los otros capitanes de las otras naos avran ocho partes e los quadrilleros que hareys para repartir la dicha presa avran seys partes del oficio e mas una e media de sus personas e los escribanos de la quadrilleria avran quatro partes e una e media de sus personas.»

«E los maestres e pilotos avran quatro partes e los contra maestres tres e los marineros dos e los grumetes una e media e los pajes una e los despenseros de las dichas naos carpinteros calafates e toneleros como marinero fisico e ciruganos e capellan tres partes e los lombarderos dos e media e el alguazil del armada avra tres e todos los hombres asy marlineros grumetes e sobresalientes que tirasen con ballastas avran mas media parte por ello e los que tirasen con espingardas parte entera e por que nos tomamos los dos tercios de toda la fazienda despues de tener nos tomados el quinto daremos las armas para la dicha gente por que de otra manera no podríamos llevar con rrazon syno la mitad.»

«En quanto a los escribanos de las naos e fatoria del armada el factor avra las partes arriba dichas de las dos partes que nos cumplieren e por que en los casos semejantes ante todas cosas se an de aver respeto en servicio de nuestro señor e de nuestra señora e bien que de la parte que cupiere a la compañía se traten diez partes las quales seran las cinco partes para la casa del apostol Santiago de Sevilla e las otras cinco para la casa de Nuestra señora de Vitoria de la dicha arden de los dominios que agora nuevamente se ha edificado en tryana de sevilla las quales partes nos queremos por servlyco de nuestra señora y del bien aventurado apostol Santiago que se empleen a ella lo que se le montare de las partes que se le trayga en las nuestras naos segund se traera de la parte de la veyntena para rendicion de los cabtivos.»

«Asy mysno vos mandamos e encargamos que con toda diligencia sea de vos tratada toda la gente bien e emorosamente e aquellos que adolesciere por o por caso de guerra fueren heridos sean muy bien curados e por vuestras personas bien visitados faziendoles todo el beneficio que vieredes que cumple a personas que van en nuestro servicio no consintiendo a fisico ni cirugano que les lleven dineros por la cura que en ellos fizieren e ante de todas cosas trabajad que se confiesen e se fagan sus testamentos por mano de los escribanos de las dichas naos declarando donde son vecinos o naturales e si son casados o por casar e de aquellos que nuestro señor se tuviese por servido de llevarse se faga ynventaario de todo lo que tuviera e del sueldo que se les debe declarando el día e el mes en que falliesciere para que se sepa aca en la casa de la contratación adonde e a quien se le ha da pagar el sueldo que le fuere devido e lo que se le debe e lo mas que le quedare se entregue a sus herederos si los tubiere e no tennien-dolos sean para redencion de cabtivos segund e que por nos esta aplicado.»

«E la principal cosa que en este viajo aveys de mirar es los asyentos de los lugares e trato que ovieredes de asentar ver en quantos lugares es menester que se fagan asyentos en la costa de la mar para la seguridad de la navegacion e para nuestra seguridad de los de la tyerra los que han de ser para segurar la navegacion se hedifiquen en lugares altos e ayrosos e no en sumidos valles syno que sean en parte que los navfos que de aca fueren se puedan aprovechar dellos e tomar rrefresco e agua e las otras cosas que fueren menester a su viaje esto asy en los lugares que fallaredes fechos como en los que de nuevo se fizieren e aveys de mirar que sean edificados en sytios sanos eno anegadizos e donde se puedan aprovechar de la mar para cargo y descargo sin que aya trabajo de llevar por tierra las mercaderias que de aca fueren e sy por respeto de estar mals cercano de algun trato e minas vos ovieredes de meter la tyerra dentro hase de mirar se faga el edificio cerca de alguna rribeira para que se puedan llevar las cosas que de aca fueren por ella desde la mar fasta la poblacion por que no aviendo alla manera de bestyas para lo poder acarrear serya grandisimos trabajos para los hombres e no lo podrian sufrir e

«sobre todo aveys de mirar que endonde fizieredes asyento sea en lugar de buenas aguas e de buenos ayres e dond los montes e buena tyerra de labrança a lo menos que de estas cosas tenga las mas que apudiere tener segund la disposicion e aparejo de la tyerra.»

«Aveys de tener aviso en las tyerras que descubrieredes e fizieredes fundamento e tener platica e trato de mirar la manera que salys en tyerra hechando de continuo delante uno o dos de los desterrados los quales saldran con la persona que llevays por lengua llevandole consigo alguna cosa para que de a los de la tyerra por que con dadivas muchas veces avemos visto en las yndias ganar las voluntades de las gentes e de la tyerra mas que por fuerza de armas dandoles a entender que no soys gente que vays a tomar nada de los suyos contra su voluntad syno dalles de lo que llevays e a contratar e rescatar vuestras mercaderias a troque de las que ellos tienen en sus tyerras e asentar pazes e tratos para adelante mirando de continuo de que salleredes a tyerra aveys de yr a rrecabdo con vuestras armas que quede gente en las naos para que si algo lo que dios no quiera aconteciese e por mengua dello no se dexare de navegar y en la manera del fazer de las pazes se faga con mucho concierto e consejo dando dadivas por que estas son las que fazen venir en todo amor todavya mirando no os fiar de la gente de la tyerra por que mchhas veces por no salir a rrecabdo alcança desatre e lo principal que vos encomendamos es que qualquiera cosa que con los yndios contrataredes se les mantenga e guarde a toda verdad que por vos no sea quebrado e lo que algo oviere de ser sea en ellos la cabsa e aunque lo ayan sydo trabajad por venir en concordia e no aveys de consentir en ninguna manera se les faga mal ny daño por que por miedo no se alboroten ny levanten antes se ha de castigar a los que fizieren mal e por esta via vernan antes ha tener amistad e a conocimiento de dlos e de nuestra fee catholica e mas se gana en convertir cien por esta manera que mill por otra.»

«En lo que descubrieredes aveys de mirar e tratar la gente de manera que huelguen de contratar com vosotros dando dadivas a los principales que gobiernan la tyerra e la, principal cosa que nos le ternemos por muy desservido e mandaremos castigar a los que fizieren delito o acometimiento con las mujeres de la tyerra e sobre todo en ninguna manera aveys de consentir que ninguna persona toque a mujer por que esta es la principal cosa que se ha de mirar a cabsa que en todas aquellas partes son gente que por esto antes que por otra cosa faran qualquier daño e rebeliones e menos consentiran tener paz ni contrato en la tyerra ni se les ha de tomar cosa ninguna de qualquier calidad que sea contra su voluntad.»

«De todas las tyerras que descubrieredes trabajad para aver lenguas para tener platicas en las otras partes donde fuerdes los quales seran muy bien tratados de vosotros e de los que con vos van e bien vestidos e sy en algunas de aquellas partes donde los tomaredes conveniere soltar alguns dellos para poder aver mas platica con los de la tyerra soltareys y ynbiareys vestido e con algunas dadivas para que vean los otros de la tyerra a los quales amotrareys las mercaderias que llevays para que lo publiquen e conozcan soys gente vays a contratar e no a tomarles por fuerza nada de lo soyo e esta manera terneys en todas las partes que descubrieredes e fizieredes fundamento de contratar e de Sevilla se trabajara por llevar dos o tres lenguas para que se entiendan en algo en los otros donde descubrieredes.»

«En los puertos que ovieredes de tomar por no ser tyerra conocida aveys mucho de mirar de la manera que se tome e los bateles quando fueren a tomar vayan do continuo a recabdo quedando gente en las naos para que si algo aconteciese e sy fuese tyerra donde ay gente tratarlo heys con amor dandoles de continuo algo de lo que llevays e trabajad de saber lo que ay en la tyerra e sy vos paresciere dezar alguno en ella de los desterrados para que en tretanto que vays a fazer vuestro descubrimiento tenga platica de lo que en ella ay para la tornada saver lo que tiene descubierto e fallan en la tyerra dexareys prometiendoles albricias e perdon de su delito e descubriendo algo de aquella armazon resciba beneficio e para perdon del tal llevays nuestro poder el qual dicho poder desde agora vos damos.»

«E aveys de mirar que todos los que agora en este armada van «e adelante fueren han de tener toda libertad para escribir aca todo lo «que quisieren sin que por vos ni otra ninguna persona les sea tomada «carta ni defendido que no escriba por que nuestra voluntad es que «cada uno tenga libertad de escribir lo que quisiere esy alguna per- «sona tomare alguna carta vos mandamos que executeys en el las «penas que de derecho se deban executar e a vos parezca e sy por «mandado se pidiere vos certificamos que demas de lo que de de- «recho se deba de fazer mandaremos que se provea como en cosa «que nos ternemos por desservidos de vos e que dello rescibiremos «muncho enojo.

«Sy por caso dende algunas de las tyerras que descubrieredes «el rey o señor dellos quisiere embiar alguna persona embaxada o «alguna otra persona principal de «la tyerra quisiere venir vos reco- «mendamos sean muy bien trata- «dos de vos e de todas las otras com- «pañias dandole todo lo que ovie- «re menester e camara en que venga «e ansy mismo sean bien tratadas «qualesquiera personas que con el «vinieren.»

«E mucho vos encomenda- «mos que de continuo fagays tener «buena deligencia e guarda en el «fuego por que ya sabeys quan pe- «ligroso es en la mar e por mal «recabdo muchas veces vemos «muchos desastres e por esta «cabsa allende del cargo que lle- «van los otros oficiales de las naos «sera en cada noche mirando por «vosotros el que no viere la guar- «da de la vela e la continua les en- «comendareys a el e a los otros e «allende desto en cada nao avra «una persona diputada a que no «anden con candelas syno al tiem- «po de la nesciesidad e aquellas «en sendas lanternas.»

«Lo que dios no quiera si al- «guna gente fалlesciere de la que «va en el armada trabajareys por «el rescate aver algunos esclavos «en las partes adonde fuereis que «sean de hedad para poder traba- «jar e ayudar para navegacion de «manera que por falta de gente «no se pierda el viaje los quales

«esclavos sean rresgatados para el armazon e ninguna otra persona «los podra traer sy no fuere aquellos que tuvieren mercaderias para «los poder traer.»

«Asy mismo sera visitada por vos e por todos los oficiales del «armada todos los mantenimientos e vino e agua que llevareys para «el viaje por que a cabsa de no ser visitados no se pierdan esta «manera aveys de tener asy en la yda como en la venida por que «no sabeys el tiempo que dios vos dara e hanse de reglar los dichos «mantenimientos de manera que por falta dellos no parezca la gente «ny el armada se pierda e por esto combiene que sea muy amenudo «visitado en todas las naos e todos los mantinimientos que se gasta- «ren se han de poner por escripto e asentar lo que se gaste para que «conforme al tiempo fagays vuestra cuenta con lo que llevays e la «gente se le ha de dar su racion e no han de comer junto como en «los otros viajes de poniente o levante se a costumbra syno que «coman en quadrillas como en las naos de portugal que van a la «yndia tanto racion de dos en dos dias.»

«Hase de dar racion de dos a dos dias como se acostumbra «dando a cada uno su racion honesta por peso el vizcocho y el vino

«por medida desde el principio del viaje e quando subcediere ser «mas largo el viaje de lo que se haze fundamento fareys la cuenta «con el mantenimiento que se ha gastado e con lo que queda «contando del dia que partistes hasta entonces e segund la nescesi- «dad ansy rreglareys lo que vos queda e syendo nescesario de acor- «tar la racion se acortara esto a discrecion de los oficiales que tienen «a su cargo el armazon e a esta cabsa se podra a la continua por es- «cripto lo que se gasta.»

«E aveys de mirar en las tyerras que nuebamente tomaredes «mantenimiento e agua de los dos dias primeros los que de aca van «coman e beban de los mantenimientos que llevan por que muchas «veces acontece estar empoçoñada el agua con los mantenimientos «que dan e para saver esto es bien que los mantenimientos que

«nuevamente se tomen los den «primero a beber e comer a los que «van desterrados por que se vea «sy ay en ellos algun ponçoña o «daño.»

«Todos los mantenimientos «que fueren rrepartidos por las «naos e den cada nao asentados en «el Regimiento de lo que llevan «todas juntas e cada una por sy «para que conforme lo que llevan «formen cuenta de lo que se gas- «tare e pongan horden en lo que «queda e conforme al tiempo «provea en ello de manera e a la «continua tenga abastancia para «el contraviaje e sy fizieredes «fundamento de dexar alguna per- «sona en la tyerra que descubrie- «redes le dexey el mantenimen- «to que vos parezca nescesario «para lo qual va mantenimiento «mas de lo que es menester.»

«E por quanto no sabemos «el tiempo que vos os deterneys «en este decobrimiento e por que «algunas de las personas que van «en la dicha armada les parescera «ser mucho el tiempo que aveys «andado syn fallar nada notifica- «des a todos juntamente e a cada «uno por ay poniendoles grandes «penas que mientras el mantini- «miento sea en abundancia nin- «guno ser osado de hablar ni ha- «ble en el dicho viaje e descubri-

«miento estar mucho tiempo o poco syno que den este a los que «llevan cargo del e lo mismo vos encomendamos a vosotros e a ellos «que no vos de pena el mucho andar por la mar syno que trebajey «por la mas tyerra que pudieredes e por que faziendolo no pude ser «syno que se descubra mucha cosa de que vosotros e ellos sean ser- «vidos y el armazon resciba mucho provecho.»

«Ninguna de las tyerras que descubrieredes aveys de mirar en «ninguna manera no consintays que se tiren ningun tiro de artille- «ria ni espingarda por que desto mas que de ninguna cosa tyenen «temor los yndios y se alborotan mucho e seria cabsa de mucho «daño e a la cabsa vos mandamos que asy en la nao que vos fuere- «des como en las otras naos no consintays que se tire e defendido «so grandes penas que para ello les pendreys en las quales faziendo «lo contrario avemos por condenados e mandamos executeys.»

«Aveys de notificar a toda la gente que va en el armada que «ninguno venda ninguna arma en tyerra de ninguna manera e cali- «dad que sea so pena de perder todos sus bienes e allende desto «tendran la pena que a los nuestros oficiales paresciere merezca «e asy mismo defended que no se venda ninguna hacha ni cosa de



Devido ao favor do sr. Almirante Gago Coutinho e já quando este trabalho es-
tava quasi todo impresso, tive conhecimento da existencia da obra «Fer-
dinand Magellan by E. F. Benson. 1929. London», que incluye este retrato
com a indicação de que foi gravado por «Crispin Van de Passe». Este retrato
foi concertemente desenhado sobre o mesmo original que deu motivo aos que
vão incluidos no inicio destes estudos.

«yerro con que los xptianos puedan rescibir daño ni los yndios «pelear.»

«Otro sy vos encargo e mando que defendays a todas las personas que en la armada fueren que no jueguen a naypes ni dado por que de lo semejante se suele recrescer daño e escandalo e enojo e no es servicio de dios que lo semejante consintays ni es provecho del armazon.»

«Yten vos damos poder para que a qualquier persona que en la dicha armada fuere que no obedeciere a lo que de nuestra parte le requirieredes e mandaredes que sea en nuestro servicio e provecho «dei armazon faziendo el contrario podays castigar a vuestro albedrio con las penas que vos paresciereades e a los que mandaredes que lo executen e no lo fizieren ni obedescieren en que ayan los sobre dichos en las penas que vos les pusieredes allende lo qual todavia «sera castigado el delinquente.»

«Yten vos damos poder para que podays poner asy en la mar como en la tyerra vuestros lugares tenientes a las personas que mas ables o suficientes para semejante caso vos paresciere para en los «semejantes cargos.»

«Al tiempo que se tomare la gente para en servicio de la dicha armada la sera tomado juramento por ante el escribano del armada que durante el tiempo que la dicha armada o viaje durare viniendo «en su noticia cosa que sea en nuestro servicio o beneficio de la dicha armazon no lo encubriran syno que vos avisaran dello e que «despues de ser rescibidos e fasta ser acabada el armazon ny se despidiran ny assentaran syn vuestra licencia.»

«Paresciendovos que en algunas partes de las islas e tyerras que descubrieredes es bien salir en tyerra para saber lo que en ellas ay e e tomar lengua de los indios e para tomar agua e otras cosas necesarias a la dicha armada e los de la tyerra se pusieren en no lo «consentir faziendoles alguna seña de paz e con todo esto todavia «vos defendiese no salir a tyerra saldreyes contra su voluntad puesto «que sea con daño de los mismos yndios con que mandeys a toda la gente que sea con el menos escandalo que ser pueda por que salidos en tyerra los fagays luego de paz e amigos procurando por todas las maneras que pudieredes de venir con ellos a concordia de paz e caso que la necesidad otra cosa os fiziese hazer tomaldo a lo «mas que sin escandalo que ser pueda e no pudiendo tomar syno con mucho daño antes la dexad de tomad por aquella vez que tomaldola con mucho escandalo e daño dellos e los dei armada para lo «qual vos mandamos se faga con mucho consejo que se tenga la mejor forma que se pueda para los traer a vuestra amistad dandoles «dativas de lo que vos llevays en la dicha armada como en el Regimiento mandamos.»

«Otro sy vos encargamos que tengays mucho cuydado al tiempo «que plaziendo a dios partieredes para yr a vuestro viaje de mirar «no lleveys en vuestra compañía ninguna persona que conocidamente «tenga costumvre de renegar por que los tales no es mi voluntad «anden en cosas de mi servicio ny es bien que váyan en el armada «e esto vos encargamos mas que otra ninguna cosa que sea en nuestro servicio por que asy cumple se faga por lo que toca a la honrra «y servicio de dios e sy por caso llevasedes alguno que lo faga e renegase e diese pesar a dios castigarle conforme a las leys de estos «reynos segund de las palabras que dixere.»

«Sy por caso a la yda tomasedes alguna presa o que topasedes «tomareys aquellas cosas que mejor os paresciere para acaso de otras «calidades de mercaderias que podran traer trabajareys por saber a «que parte las llevava para saber mas platica de algunas tyerras e «trato e las gentes o naos seran de vosotros e de todos muy bien «tratada e sy con ellos pensaredes tener alguna platica de tyerras «donde se puede haber algund provecho e por les tomar algo de lo «tomado lo diran fazedlo asy e aun daldes de lo que vos llevays por «que vos aminstren la tyerra donde lo llevan.»

«En la tyerra que descibrieredes a salir en tyerra se puede fazer «alguna presa o en los puertos tomar alguna nao de mercaderias que «pareciendovos que por bien dei trato e del armazon es necesario «tornar loque tomaredes o parte dello e por lo tornar faran pazes «e a la cabsa dexaran fazer casa fuerte e el rey o señor de aquella

«tyerra daria lugar a ello e para adelante algunas parias pues es mas «benefecio del armazon mandamos que se torne parte o todo lo tomado como vos paresciere que mas conviene syn venir en particion «de coas de lo que asy tomaredes e lo que no ovieredes de tomar «fazed que se tome con el menos escandalo que ser pueda quando «plaziendo a dios tomaredes deveys mucho de mirar que todo lo «que en el armada viniere venga a mucho recabdo asy lo del armazon como lo de las personas particulares aveys de trabajar que no «se tome puertos de estas partes donde ay platica con los de aca oys «las comarcanas por que en las semejantes se acostumbran dezar «muchas cosas asy del armazon como de las personas particulares «por no pagar los derechos e por esta cabsa e otras muchas no teniendo necesidad de mantenimientos o agua escusareys lo mas que «pudieredes por no tomar ningún puerto.»

«Otro sy por que en los semejantes viajes acontece de tener «descobrimiento de tyerras e gentes cosa de que dios se puede mucho servir e Recreer beneficio a sus nuestros reynos e provecho «al armazon e despues yendo el dicho vieje adelante acontece algunas veces algunos desastres e por fenescimiento de algunas naos «acaesce o podia acaescer no tener noticias de descubiertos por tanto «quando a dios pluguiere que tengays descubierto algunas islas o tyerras que vos parezca de cosa de que vos fazer mucho caso con el «pareced de los otros capitanes e oficiales os paresciere debeys yr «mas adelante en tal caso embiareys uno o dos navios de los cinco «que van en el armada aquellos que vos paresciere que son menos «para descubrir e segund el descubrimiento embiarlos heys para nos «dar rrazon de lo que fasta entonces aveys descubierto el navio o «navios que oviere de tornar mareados de marineros e mantenimientos e por manera que por falta no podamos dexar de saber lo «que se ha fecho e fazeys en el dicho descubrimiento.»

«La manera que aveys de tener en el rresgate de las mercaderias que llevays es lo siguiente.»

«De todas las calidades de mercaderias que fazemos fundato «que podra aver en las tyerras que descubrieredes llevareys con vos «las nuestras para ver sy las ay en aquellas partes e de las mercaderias que de aca llevays aveys de trabajar por saber quales son las «que alla son mas estimadas para lo que cumple a lo de adelante e «allende las mercaderias que van para el rresgate van ropas fechas «e otras cosas para dar a los reyes e a los otros principales de las «tyerras que descubrieredes las quales por via de paz se da an con «parescer del veedor e oficiales dela dicha armada e sy los reyes o «señores de la tyerra dieren algunas joyas o dativas han de ser para «nos e el veedor e contador han de fazer cargo dello al tesorero.»

«Otro sy mandamos no consintays que ninguno de los que va «en la dicha armada den ninguna dativa ni presente sin vuestra «licencia e de los oficiales de la dicha armada e sy la dieren sin la «dicha licencia mando que todo lo que le diere e presentare sea «para nos.»

«Aveys de mirar que todas las mercaderias e cosas que se comen «praren e llevaren para el armazon e las mercaderias e otras cosas «que dello se rresgatare sea gastado juntamente con el veedor e tesorero e contador de la dicha armada e hase de entregar todo ello «al tesorero e assentallo en los libros del veedor e contador para que «se les faga cargo dello, todo particularmente por quenta e peso e «medida declarando el dia e mes e año en que se le entregare cada «cosa declarando las mercaderias e cosas que se dieren e el precio «dellas e lo que por ellas se rresgate e en que partes trabajando todavia de fazer los rresgates los mas provechosos que ser puedan.»

«Sy la carga que las naos ovieren de traer fuese de especeria la «que ovieredes de rresgatar aveys de trabajar sea de lo mejor e mas «limpio que ser pueda aunque lo oviesedes de apartar alla e lo no «tal dexaredes en tyerra por que alla cuesta poco e es menos perdida dexallo que trahello no syendo tal e si dios os deparase algund «nascimiento de canela aveys de mirar que lo que truxerades sea de «canuto rredondo rrollizo e no de una canela que ay muy gruesa que «llaman espada que es como tabla delgada porque esto ocupa carga y «vale poco e sy oviere clavo aveys de traer de lo mas limpio e de «cabeça e no traer baston ni madre de clavo e fallando nuez mosca-

«da sea la mas entera e granada que pudieredes e sy por caso topa sedes con alguna pimienta no ay mucho que connoscer sino que sea la mas granada que ser pueda e fallandola la podays traer en pañoles e todas las otras suertes de especerías han de venir en fardalos e quanto mas cubierto mas se conserva e guarda por que mojandose estas suertes de especerías se gastan muy mas presto que la pimienta.

«Sy en algunos lugares de los que se descubrieren fallays alguna suma de aljofar e perlas sy asy fuere trabaja reys lo que rresgataredes sea lo mas orental e grueso que ser pueda e sy por caso fuere agujereado sea lo mas sotil mente que ser pueda e sy ovisse alguno sin ser abierto syendo muy rredondo e orental por no ser horrocado no lo dezeys de tomar e sy se fallare alguna suerte de pedrería de rubies e diamantes e otras suertes hechareys a lo mas granado e perfeto de color.»

«Otro sy aveys de mirar que vosotros ni los oficiales que fueren en la dicha armada no han de rresgatar en ninguna manera ningunas mercaderías ni otras cosas fasta tanto que sea rresgatado e gastado todas las mercaderías que van en el armazon e cebto las quintaladas que vosotros e los capitanes particulares e oficiales e personas que van en la dicha armada podeys rresgatar que son los contenidos en un pliego que va adelante y firmado de francisco de los cobos nuestro secretario que estas se pueden juntamente rresgatar con las del armazon sueldo por libra segund lo que se rresgatare e aveys de trabajar mucho que las mercaderías e cosas que llevays de armazon se rresgate toda por que no pueda valer tan poco en aquel las partes donde vays

que no valga mucho mas que aca e lo que rresgataredes sea de aquellas cosas que vos pareciere que mas conviene e que mas provechosa seran para en esta tyerra.»

«Fareys que se guarde e cumpla las cedulas e cartas e mandamientos que son e fueren sobre todo lo de suso contenido como en las dichas cartas e cedulas e mandamientos fuere declarado.»

«Sy despues de rresgatadas todas las mercaderías e cosa de armazon no oviere entero cumplimiento para la carga que las dichas naos buenamente pueden traer sy algunos de los que van en la di-

cha armada llevase algunas mercaderías e las quisiese vender para el armazon dandole algund ynteresse o ganancia para les pagar el pro dello despues que seays venidos en sevylla compraselas a los precios que a los oficiales de la dicha armada pareciere e sy no las quisiere vender temer maña como se rresgate dando a nos alguna parte del ynteresse e ganancia que se ovlere de los dichos rresgates concertandolo e asentandolo juntamente con los dichos oficiales lo mas a provecho dei armazon que ser pueda e todo ello que se ha de asentar parti-

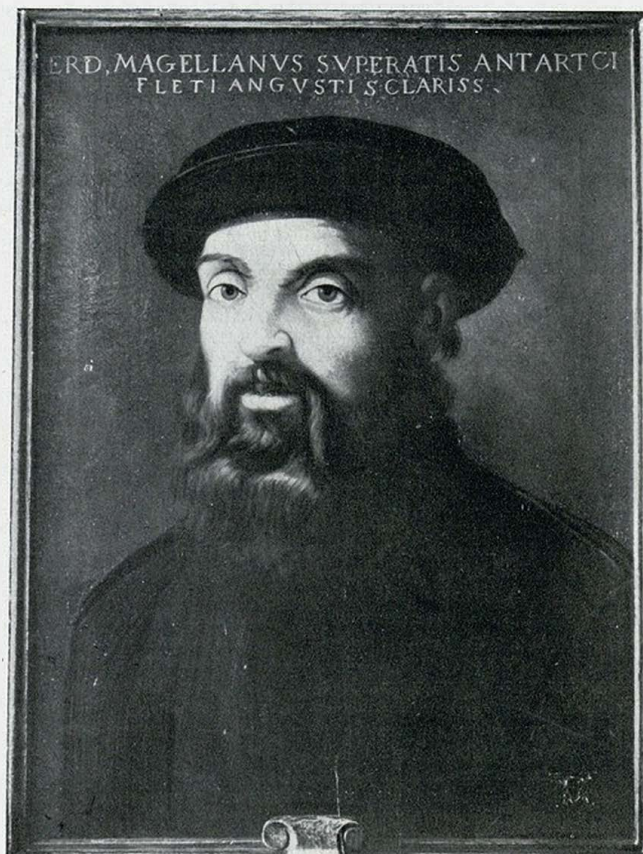
cularmente en el libro e libros del dicho veedor e contador e para que se cobre la parte que dellos le pertenesciere aveys de llevar con vos pesos grandes e pequeños e pesos para saber lo que days e lo que tomays e por peso e por justifical los pesos que ay en las tierras que descubrieredes con los de aca e llevareys varas de medir para saber las cosas de medida lo qual mandamos a los oficiales de la casa de la contratación de sevylla os las dencon las otras mercaderías que vos han de entregar.»

«Sy las cargas que las naos ovieren de traer fuesen de calidad que viniendo vuestro viaje Rolando nao los pañoles queda sen algo vacios fareys unos sacas para hinchar e traer sobre cubierta para con ellos si algo faltare en los pañoles los hinchad e la nao trayga su carga e no venga de vacio sy en el navegar y el navegar(sic) vendria mas segura trayendo los pañoles como han de venir.»

«Sy por caso despues de estar cargadas las naos sobren algunas mercaderías del armazon e los que van en la dicha armada las quisieren se las dareys en pago de su sueldo e sy algunas presas fizieredes e los que asy van en la dicha armada quisieren algo de las cosas

tomadas en pago de su sueldo dadaselas a precios justos e defendemos que ninguno de los que van en la dicha armada sea osado de comprar ni compre de otro alguno sueldo ni quintalada sin buena licencia so pena de lo perder.»

«Los dias antes de la partida aveys do fazer alarde para ver si va toda la gente en el armada que ayan rrescibido el sueldo e ai tiempo que se pague a las personas no conosciadas haseles de pagar con su flador por que no se vaya con ellos e en el libro donde se pagaren los sueldos se ha de asentar muy por estenso a la per-



Retrato de Fernão de Magalhães existente no Museu do Prado em Madrid e que vem incluído no estudo «Fernão de Magalhães—Fidalgo da Casa Real Portuguesa (1480-1521) e A volta ao Mundo (1519-1522) (compilação de varios autores) por José Emilio dos Santos e Silva. Engenheiro e Chefe de Repartição do Ministério das Colonias, Professor do Instituto Industrial de Lisboa. Separata dos numeros 36, 57 e 58 do Boletim da Agencia Geral das Colonias, 1930. Lisboa». Já tinha parte d'estes estudos impressos quando recebi um exemplar do trabalho acima, por amavel deferencia do seu auctor. A legenda que este retrato tem no alto foi rectificada conforme se vê na gravura de Ferdinando Selma de 1788 e é quasi igual á que vem atraz transcripta na primeira columna da «Iconographia de Fernão de Magalhães». Na reprodução do mesmo retrato no trabalho do sr. Santos Silva, publicado no Boletim da Agencia Geral das Colonias, ao fazerem a chapa, desenharam um F antes do Ern., alterando portanto o quadro, tal como se encontra no Museu do Prado

«sona que se paga el dicho sueldo que declare e diga de donde es e sy tiene padre e madre e si es casado ou por casar por que por el asyento del libro se sepa sus herederos quier: son para se le acudir com su fazienda e sueldo que tuviere ganado.»

«Sereys e aviso que en cada nao venga la rrazon que en cuenta en ella e todas las naos trahen asy lo del amazon como lo que traen las partes para que si alguno lo que dios no quiera aconteciese de se perder alguna nao a la venida se pueda saber la carga que trae e saber mas por entero lo que ay en la tyerra e esta maña se terna en las naos que de aca fuere lo que en cada una va asy de las mercaderias como de mantenimientos llevara cada una la carga de las otras».

«E ocho dias antes que se aya de pagar el sueldo aveys de notificar que ninguna persona se le pague sueldo ny sean rrescibido sy no traen el valaes de como estan confesados e comulgados e direys a los que quisieren dexar hechos sus testamentos los puden dexar cerrados a los oficiales de la casa de la contratacion de savylla a los quales mandamos los guarden cerrados e sellados como los dexan para que quando a dios pluguiere de los tornad con salud se los tornad e sy dios otra cosa hiziere dellos lo qual no permita se acudira con lo que trouxeren o tuvieran ganado a los herederos que por sus testamentos declararen esto no aviendo hecho otro en el viaje que va por que qualquier cosa que en el posetro mandare se guardara».

«Sy por caso lo que dios no quiera fallesciere algund oficial de los que van en la dicha armada hordenada en tal caso damos poder a vos los dichos capitanes e a los otros oficiales que elijan otro en el lugar del muerto e sy por caso murlere antes que el rresgate fuere hecho todavla el difunto avra la mitad de lo que le fue hordenado de su sueldo e camara e quintalada e el que entrare en su lugar avra la otra mitad e sy por caso muriere a la venida o en tyerra despues de fecho el rresgate o estandole faziendo en tal caso lo avra todo postrero como de aca lo llevo asentado».

«Sy todos las naos del armada fueren juntas en el descubrimiento todas las mercaderias que en ellas fueren se juntaran para que de todo ello se faga el rresgate juntamente e seran todos los oficiales a ello presentes e lo que se rresgatase se repartira por todas las naos asentandose en los libros lo que en cada nao se sacare».

«De todas las mercaderias que de aca fueren yran de manera que el capitam e los oficiales que en cada nao fueren cada uno de ellos terna una llave para que no se queda sacar cosa ninguna que no sea todos tres juntamente presentes a ello e la misma maña se tendra en las joyas e oro e qualquier otra cosa que de lo que se descubriere traheran e las llaves de la tal cerradura no hara la una a la otra».

«Sy por caso en algunas de las tyerras descubrieredes o hallaredes algunos portugueses o otras personas xpianas de otras naciones trabajareys por tener platica con ellos por que como personas que han estado en la tyerra ternan mas noticia de lo que en ellas ay e ansy en las otras tyerras comaracanas a los quales tratareys muy bien por fazer mejor e mas seguramente vuestro rresgate en los quales seran muy bien tratados de vos e de toda la otra gente e conociendo dellos que fazen beneficios al armazon e conociendole prometted de nuestra parte que les faremos mercedes e sy por caso vieredes en ellos el contrario e que vos tratan algund engaño con los de la tyerra aunque deys alguna dadiva ai principal o principales de la tyerra darla heys por que los entreguen e sabed lo que alli e en las otras partes donde han estado ay e trahellos heys a buen racabdo de manera que no se vayan».

«Sy por caso topasedes algunas naos de Portugal en nuestros limites mansamente le rrequerid de nuestra parte que dessembaracen la tyerra por que en sus propios Regimientos que trahen de nuestro muy caro e amado tio e hermano le es defendido no entren e descubran en las tyerras ni limites que nos pertenzcan por que lo mismo es defendido por nos a vosotros no entreys ni descubrayes en los limites que a el pertenescen e tomandoles dentro de nuestros limites con alguna carga que hayan fecho Requeridles de nues-

tra parte que dessembaracen la tyerra e vos den la caraga que tuvieran fecha e no lo queriendo fazer conociendo que es mucho daño vuestro se lo podayés tomar y lo tomareys con las naos trahen e a las gentes dellas trahereys presa e a buen racabdo e sy por caso les conocieredes demasiada ventaja no vendreys en rrigor con ellos e e trabajad de sarber lo que llevan».

«En todas las cosas de los aparejos de cada nao se ha de entregar ai contador mayor ai qual se le dara por quenta e lo que se le perdiere por tormenta o ortaren se hara asyento dello en los libros de los oficiales para sobre ello dar de tornaviage todo el racabdo de lo que queda e fasta aver dado cuenta con entrega no se le ha de pagar el salario de tornaviage ni entregar cosa ninguna de su hordenado que trahen en la nao».

«De todas las cosas de despensa e menudencias della es a cargo del despensero al qual se le de cargo asyendo descargo de todo lo que diere para sobre ello se le tomar quenta como a los otros oficiales».

Neste documento encontram-se admiraveis elementos para se chegar a compreender bem, que Fernão de Magalhães não era um aventureiro e que foi para Castella com o consentimento do Rei de Portugal.

Dividido o Mundo em duas partes, podendo uma ser explorada por Portugal e outra por Castella, havia a necessidade de cada paiz ter o seu caminho e ser senhor do Mar que os levasse ao Oriente e então, Portugal com o caminho já feito pela Costa d'Africa até à India, auxiliou Castella a tomar posse da parte do globo até exactamente onde terminava a posse de Portugal.

Cristovão Colon, Fernão de Magalhães, Estevão Gomes, Gonçalo da Costa, João Dias de Solis e outros navegadores portugueses, estou hoje absolutamente convencido, prestaram serviços a Castella porque a diplomacia da epoca para lá os mandou.

Sobre Fernão de Magalhães, que é o navegador que neste momento nos preocupa, ahí ficam alguns dos 208 documentos que existem no Archivo das Indias em Sevilha, e donde se depreheende que não só o caminho para a India pelo Estreito de Magalhães era conhecido, como eram conhecidas as especies de habitantes dessas paragens, seus costumes, principios, etc.

Logo no começo deste documento n.º 100, o ultimo que transcrevo, se vê que — La principal cosa que vos mandamos (a Fernão de Magalhães) y encomendamos es que en ninguna manera no consintays se toque ny descubra tyerra ny otra ninguna cosa dentro en los limites del serenissimo Rey de Portugal mi muy caro e muy amado tio por que mi voluntad es que lo Capitulado e assentado entre la corona real de Castilla e la de Portugal se guarde e cumpla muy enteramente ansy como esta capitulado. — Mais claro que isto, não pode haver.

E' tarde, bem sei, mais ainda é tempo de fazer justiça ao Rei de Castella e a Fernão de Magalhães.

Só o que desejo é que algum historiador Portuguez se lembre de escrever a historia de Fernão de Magalhães, não lendo nada das inumeras lendas que sobre tão grande homem se tem escrito, mas lendo todos os documentos que sobre a sua viagem existem e que transformam por completo o conceito que se tem feito de tão grande vulto da historia da civilisação mundial.